

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA

ADILTON SANTOS SAMPAIO

O ABISMO ECLESIAÍSTICO, AS MASSAS RELIGIOSAS E A *OBRA*: uma análise em
Eric Voegelin e Eric Weil

São Luís
2025

ADILTON SANTOS SAMPAIO

O ABISMO ECLESIAÍSTICO, AS MASSAS RELIGIOSAS E A *OBRA*: uma análise em
Eric Voegelin e Eric Weil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade Estadual do
Maranhão para obtenção do grau de Licenciado
em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Valdério.

São Luís
2025

Sampaio, Adilton Santos.

O abismo eclesiástico: massas religiosas e a *obra*, análises em Eric Voegelin e Eric Weil / Adilton Santos Sampaio . – São Luís(MA), 2025.

49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Filosofia) Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Valdério.

Massas religiosas e a *obra*. 2. Análises em Eric Voegelin. 3. Eric Weil. I.Título.

CDU: 213:2-1


ADILTON SANTOS SAMPAIO

**O ABISMO ECLESIAÍSTICO, AS MASSAS RELIGIOSAS E A *OBRA*: uma análise em
Eric Voegelin e Eric Weil**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade Estadual do
Maranhão para obtenção do grau de Licenciado
em Filosofia.

Aprovado em: 21/01/2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCO VALDERIO PEREIRA DA SILVA JUNIC
Data: 04/02/2025 15:40:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Valdério (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 DANIEL BENEVIDES SOARES
Data: 29/01/2025 17:57:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Daniel Benevides Soares
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 LUIS MAGNO VERAS OLIVEIRA
Data: 30/01/2025 21:36:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Luís Magno Veras Oliveira
Universidades Estadual do Maranhão

A minha família, aos irmãos na fé, aos amigos que compartilham do pensamento filosófico, refletindo a cidade e nosso tempo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por comunicar o mais sublime e distinto atributo aos humanos, que é a capacidade de pensar, sendo a razão o principal atributo que nos assemelha ao Divino, agradeço a graça e condições para perseverar no curso ao longo dos anos, principalmente na pandemia, quando a vontade de desistir foi intensa e a vida se resumia em nadar contracorrentes de retorno. A fé foi um elemento importante para não desistir.

A minha esposa, Anna Beatriz, por me auxiliar, preservar e cuidar para que os caminhos fossem menos dolorosos, uma verdadeira parceira e companheira, responsável por todo progresso e tudo que conquistamos, a você, minha lealdade.

Aos meus filhos, Luís Miguel e Ana Luísa, combustíveis para me tornar incansável e indestrutível diante do perigo que é viver e das duras condições que a existência impõe a nós.

Aos meus pais, Claudeth e Ailton, que não deixaram de ser suporte e auxílio em momentos críticos.

A minha sogra Rute e o meu sogro Isaque, tornaram-se uma importante rede de apoio, sempre disponíveis em todo tempo.

Ao meu amigo, pastor, discipulador e encorajador Rodrigo Campelo, por todo cuidado e proteção deliberada sobre mim e minha casa, a você, minha eterna gratidão.

Ao professor Dr. Francisco Valdério, meu mestre direto. Em um momento muito difícil da minha vida, em que não havia ânimo e disposição para continuar estudando, me ofereceu a oportunidade de uma pesquisa como voluntário na iniciação científica, a partir daí encontrei o caminho para continuar os estudos científicos, me tornando um bolsista PIBIC. Obrigado por me resgatar, o Sr. foi e é uma grande referência para mim. A você, meu total respeito.

Queremos aprender a falar uns com os outros. Isso significa que não queremos apenas repetir nossa opinião, mas ouvir o que pensa o outro. Não queremos apenas afirmar, mas de uma forma contextualizada refletir (...)

Karl Jaspers

RESUMO

O presente trabalho propõe uma interlocução entre Eric Voegelin e Eric Weil, abordando o contexto da segunda guerra mundial e o processo de nazificação da Alemanha. Nos autores estudados apresenta-se temas extremamente atuais e relevantes para o debate contemporâneo, isto é, a relação da Igreja e Estado e o papel das massas. Eric Voegelin reflete em suas preleções o apoio que Hitler recebera das principais tradições cristãs na Alemanha, os protestantes e católicos. Observa-se que na ocasião, como aponta Voegelin, há uma descida ao abismo da sociedade alemã em todos os segmentos, até mesmo no contexto eclesiástico, considerando que o povo alemão era um povo paroquial. Aponta-se a partir do mesmo autor, como as lideranças religiosas se utilizavam da Bíblia e da tradição para respaldar seu apoio político a Hitler. Em Eric Weil, trata-se da *categoria-atitude da obra*, manifestação da pura violência e de como se apresenta o *homem da obra*, aquele cujas intenções não são outras, a não ser, violência, a realização da *obra*. Tais perspectivas se relacionam a ponto de pensar o contexto brasileiro atual, de como as esferas religiosas e de Estado se relacionam intimamente, onde os discursos religiosos no meio cristão possuem perversos fins políticos. Destaca-se também os caminhos e esforços para a manutenção da democracia.

Palavras-chave: cristandade; homem da *obra*; violência; Voegelin; Weil.

ABSTRACT

This work proposes a dialogue between Eric Voegelin and Eric Weil, addressing the context of the Second World War and the Nazification process of Germany. Our trained authors present topics that are extremely current and relevant to the contemporary debate, that is, the relationship between Church and State. Eric Voegelin reflects in his lectures the support that Hitler received from the main Christian traditions in Germany, from Protestants and Catholics. It is observed that at the time, as Voegelin points out, there was a descent into the abyss of German society in all segments, even in the ecclesiastical context, considering that the German people were a parochial people. The same author points out how religious leaders used the Bible and tradition to support their political support for Hitler. In Eric Weil, it is about the attitude-category of the work, a manifestation of pure violence and how the man in the work presents himself, the one who intends nothing other than violence, to carry out the work. Such perspectives are related to the point of thinking about the current Brazilian context, how the religious and State spheres are closely related, where religious discourses in the Christian environment have perverse political ends. The paths and efforts to maintain democracy are also highlighted.

Keywords: Christianity; man on the job; violence; Voegelin; Weil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 HITLER E OS ALEMÃES	14
1.1 A culpa	15
1.2 O abismo eclesiástico	17
2 A OBRA	24
2.1 Categorias, atitudes e retomadas, o tripé de compreensão da filosofia weiliana	24
2.2 As particularidades da obra	26
2.3 O homem da obra	28
2.4 As massas e sua instrumentalização	31
3 BRASIL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE VOEGELIN E WEIL	33
3.1 Cristianização do Brasil: breve histórico da religião cristã	33
3.2 A religião política	35
3.3 Messianismo político	36
3.4 As massas cristãs	37
3.5 O abismo eclesiástico no Brasil	39
3.6 Breve considerações sobre ação e o Estado moderno	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Um espectro tem rondado o cenário político e social no Brasil, forças da maldade antes escondidas, agora são vistas em plena luz do dia e não somente isso, tem ganhado inúmeros apoiadores em todos os cantos do país, aliados improváveis têm se juntado à causa. Quando se fala de espectros da maldade, há uma referência a pura manifestação da violência que toma forma na sociedade democrática, isto é, o fascismo e tudo aquilo que o representa historicamente tem ganhado novos contornos atualmente. Ascensão de grupos neonazistas, grande escala de violência contra minorias e grupos sociais, uma situação já ocorrida na história, ameaça novamente a ordem democrática no país.

A pesquisa trata sobre a esfera religiosa, mais precisamente sobre a tradição cristã no Brasil que se envolveu intimamente com determinados aspectos políticos que contradizem os elementos básicos da fé confessional. Tal fenômeno não é uma novidade na história, as relações cristãs com a política quando a primeira se volta contra os elementos de suas crenças trazem efeitos desastrosos para a sociedade, basta considerar o cenário da segunda guerra e a relação de Hitler com alguns líderes religiosos.

Há um esforço para compreender as relações entre política e religião no contexto brasileiro, trata-se principalmente da religião cristã, uma vez que este trabalho toma como ponto de partida as considerações feitas por Eric Voegelin, na obra *Hitler e os alemães*, relacionando-a com uma a *Lógica da filosofia* de Eric Weil, precisamente, a categoria-atitude *A obra*. É importante destacar que ambos os pensadores refletem o contexto da segunda guerra e nazismo. A pertinência da pesquisa e a insistência na religião cristã é por seu grande número de adeptos no Brasil, assim como era também na Alemanha nazista. O paralelo, que se objetiva traçar, é quanto a descida ao profundo abismo eclesiástico, o que na Alemanha, permitiu a sustentação do projeto de política de morte e destruição de Hitler. O que causa estranheza é que a religião, historicamente guardiã da vida e das pessoas, faz parte de um dos momentos mais aterrorizantes da história ao participar diretamente do horror, é o que sustenta Voegelin. Weil, por sua vez, vê a *obra* como a marcha da violência. Naquele contexto a comunidade cristã esteve nas fileiras da violência em seu exercício.

Percebe-se então, nesse contexto, que as massas, sobretudo religiosas, são instrumentalizadas, usadas para a manutenção do poder político. Desse modo, conduzidas por um discurso político que soa como mandamentos e sermões religiosos, são utilizados símbolos discursivos para que haja identificação com tais discursos. Palavras como salvador da pátria,

singularidade moral, recuperação nacional econômica e trabalhista que trazem um tom de ressurreição: Deus, pátria e família, formam um discurso político religioso com dogmas caros para o movimento cristão no país.

Nesta pesquisa haverá uma abordagem histórica da presença cristã no Brasil, as perspectivas dos seus números de crescimento, a causa disso é a efetiva participação dos cristãos e de lideranças religiosas na vida política e dirigindo o rumo da nação. O problema disso é que o messianismo político usurpou o controle de determinadas denominações cristãs, criando assim uma seita dentro do segmento religioso cristão. Tal seita denomina-se *bolsonarismo*, seus fiéis passaram a se sentir representados pelo seu líder, alguém furioso, intolerante, não aberto ao diálogo, parecendo compreender apenas uma linguagem, violência.

Em um Estado plural, diversificado como é o Brasil, deve-se sempre buscar o esforço para que todos possam conviver bem, fazendo funcionar a democracia, respeito e igualdade independentemente do credo que se adote. Essas discussões preliminares contribuem para que se possa ilustrar um dos propósitos deste trabalho, a saber, evidenciar como a *obra*, segundo Weil, instrumentaliza as massas, como ela fala ao sentimento destas massas para alcançar seus determinados fins.

O abismo eclesiástico, denunciado por Eric Voegelin, se instaurou novamente na vida da cristandade brasileira, seguindo o líder errado e, o pior de tudo, de forma consciente. Parece que o mesmo desvio moral e de fé apontado por Voegelin, se repete em solo brasileiro, quando os cristãos brasileiros, em grande parte, não somente são adeptos do bolsonarismo, mas são seus fiéis defensores, prontos para atacar e se voltar contra tudo e todos em nome dos ideais defendidos pelo segmento.

As preleções de Eric Voegelin aconteceram em 1964, e ainda assim, o sentimento nazista não fora erradicado, comprovando que as forças daquelas ideias e o sentimento violento que lhe é característico não foram aniquiladas, mas ficam submersos pacientemente esperando a hora de aparecer novamente. Em Weil, essas são as condições do homem, possibilidade para razão e violência. Mesmo após a derrota nas eleições, a violência sai do discurso e toma forma, aparece na destruição de patrimônios públicos, ataques aos símbolos democráticos, violência contra autoridades, enfrentamento e caos. Todos alimentados pelo puro ódio, assim, tais sentimentos animalescos expressam a continuidade da obra e sua marcha.

O debate sobre tais circunstâncias devem acontecer, como percebido à violência ainda não foi superada, e permanece sendo alimentadas nas mídias, pessoas propagando seu ódio abertamente, se faz necessário pensar tais problemas à luz do que foi dito no passado,

examinando os meios para curar as massas envenenadas pela violência, assim construindo um lugar melhor brevemente para o homem em meio a sua finitude.

A proposta da seguinte pesquisa é analisar de modo geral a categoria-atitude da *obra* na *Lógica da Filosofia* de Eric Weil a partir da instrumentalização de massas, em particular a religiosa, levando em consideração o cenário do *Abismo Eclesiástico* trabalhado por Eric Voegelin em *Hitler e os alemães*.

A pesquisa apresentada é fruto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, realizado na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Durante dois anos de pesquisa, os dois autores mencionados foram objetos de investigação, relacionando a experiência e a reflexão feita no contexto de segunda guerra com os elementos e características semelhantes ocorridos no Brasil. As análises visaram associar como os discursos religiosos estavam carregados de motivações políticas, e de como as massas religiosas dogmatizaram tais discursos, a ponto de acreditarem na salvação do país por meio do novo messianismo político.

Têm-se por objetivo de maneira específica, verificar o fenômeno religioso através do ponto de vista da história e de como a religião é utilizada para controle de massas. Propõem-se analisar se a categoria-atitude da *obra* necessita do fenômeno religioso para sua consumação e refletir os aspectos e participação da cristandade no presente cenário político e social e sua influência no meio político nacional.

A pesquisa é de caráter bibliográfico, em que será analisado a forma como a igreja cristã, protestante e católica na Alemanha de Hitler deu apoio ao projeto nazista. Será analisada especialmente a quarta parte do livro *Hitler e os alemães* de Eric Voegelin – conferências proferidas pelo pensador em 1964 na Universidade Ludwig Maximilian de Munique. Voegelin ressalta um problema, como alguém como Hitler chega ao poder? E pergunta-se, como alguém como Hitler recebe apoio de uma massa que deveria ter ideais tão distintos acabam o seguindo.

Os aspectos que envolvem os alemães cristãos no nazismo são de caráter coletivo e individual, levando em consideração que a responsabilidade humana perpassa uma consciência individual, quem se junta às massas sabe para onde estas marcham. Investiga-se, por um lado, a participação da igreja protestante no projeto de Hitler, por terem se utilizado de interpretações grosseiras e forçadas da Bíblia para respaldar suas ações; por outro lado, a ação da Igreja católica (Universal) que se negou a universalidade aderindo um projeto de uma raça pura e seleta. No aspecto protestante, a Bíblia possui autoridade final sobre a vida dos fiéis, considerando assim um livro de regras, fé e prática. No tocante ao aspecto católico, a inclusão

universal de todos os povos à Santa Igreja, beira privilégios a uma raça pura e distinta, confrontando assim a sua própria tradição.

Será investigado a partir da categoria-atitude da *obra*, na *Lógica da filosofia*, como o *homem da obra* se utiliza de um discurso religioso para a efetivação da sua *obra*. Além de averiguar como se sucedeu o discurso religioso no Brasil e como está sendo utilizado o controle de massas religiosas atualmente, isto se dá dentro das prerrogativas do templo, das atividades de mídias e no meio social.

No primeiro momento da pesquisa, será discutido as preleções de Eric Voegelin, intitulada *Hitler e os alemães*, buscando compreender a cumplicidade dos alemães no projeto de Hitler, verificando o profundo abismo em que a sociedade alemã estava inserida, apontada como corrupção de toda ordem moral e abandono os valores genuinamente cristãos. Isso acontece mediante as distorções da Bíblia e das tradições, sendo os protestantes e católicos maioria no país, aborda-se a questão da culpa, sendo os alemães aqueles que agiam livremente em tal situação.

No segundo momento da pesquisa, será abordado o segundo autor trabalhado na pesquisa, em Eric Weil haverá uma análise na categoria da *obra*, abordando os principais conceitos que são necessários para compreender o pensamento de Weil. Um dos pontos chave desse segundo momento é verificar as particularidades da *obra*, bem como o *homem da obra*. Será observado algumas características específicas do *homem da obra* e da instrumentalização das massas.

Na terceira parte, há um esforço de contextualizar os autores estudados no cenário brasileiro atual, verificando as atitudes das massas, a relação de abuso por parte de muitos líderes e uma participação coletiva e individual dos fiéis religiosos nos movimentos fascistas. Será verificado o envolvimento consciente das massas no projeto político presente.

No último momento da pesquisa, será feito uma abordagem de alguns meios que podem ser utilizados como caminhos de cuidados e prevenção diante do avanço das hordas fascistas e antidemocráticas, meios esses que podem sinalizar o fracasso e o refrear da *obra*.

1 HITLER E OS ALEMÃES

Diante das questões políticas e sociais que se levantaram no Brasil recentemente, isto é, o fenômeno da ocupação de várias instituições políticas e sociais por pessoas fundamentalistas que apoiam golpes militares, petição de fechamento da suprema corte, depredação de patrimônios públicos que representam a ordem democrática, planos de assassinato de autoridades etc. tudo isso em nome de um messianismo político. Ora, nota-se com clareza que outras as distintas esferas religiosas se amalgamam e perdem seus propósitos, como os púlpitos eclesiásticos se tornando palanque para comícios e discursos de ódio, a mensagem da Graça, tornou-se a mensagem da segregação, ódio, preconceito e discriminação, a Bíblia sendo utilizada para fomentar discursos de ódio. Talvez se faça necessário um olhar panorâmico para a história, traçar paralelos em momentos pontuais, tais como o contexto de 1933 a 1945 e seus efeitos para a posteridade.

O foco principal neste primeiro momento da nossa reflexão será considerar a quarta parte da obra *Hitler e os alemães*, conferências ministradas na Universidade Ludwig Maximilian de Munique em 1964 por Eric Voegelin. Esse filósofo que nasceu em 1901, em Colônia, viveu e cresceu na Áustria, foi professor de ciências políticas e de sociologia, contudo, também sofreu as represálias do nazismo, tendo que se exilar nos Estados Unidos e fazer florescer ali seu pensamento. Sua fuga para os Estados Unidos ocorre por oposição ao regime nazista e suas propostas enquanto projeto político. Vinte anos mais tarde, para uma nova geração, isto é, em 1964 se faz necessário esquadrihar o pensamento dos alemães sobre a era do terceiro *Reich*, e discutir que tipo de pensamento estava sendo nutrido a respeito do nazismo e das ações de Hitler.

Essa reflexão pode-se considerar a tentativa de impedir que se cometam os mesmos erros, pois isso, dá-se a impressão de que o fenômeno ocorrido pode ser algo repetido com certo vício, levando em consideração que a humanidade, ao longo de sua história, perpassa fenômenos semelhantes com tendências verossímeis.

Na abordagem a partir Voegelin, buscar-se-á compreender, diante do seu contexto, o que levou a subida de Hitler ao poder com grande apoio religioso, destaca-se, os cristãos. Discute-se o problema levantado pelo próprio Voegelin: como alguém como Hitler se estabeleceu no poder? Afirma-se, a partir de Voegelin, que houve uma cumplicidade dos alemães em tal projeto, incluindo a comunidade cristã, sendo elas católicas e protestantes sobretudo, a plena consciência do que estava sendo feito. Ruppenthal (2024) ressalta que no tempo de Hitler, os alemães eram um povo de paróquias, sendo 95% das pessoas batizadas e

dizimistas em igrejas católicas ou protestantes – a Alemanha nazista gozava de apoio da esmagadora maioria de cristãos.

Os aspectos que envolvem os alemães cristãos no nazismo possuem um caráter coletivo e individual, levando em consideração que a responsabilidade humana perpassa uma consciência individual, quem se junta às massas sabem para onde estas marcham. Para Beradt (2017), o desastre que levou Hitler ao poder não poderia ser condicionado à hipótese de uma súbita loucura coletiva, nem mesmo a um desvio de rota dos processos de racionalização da modernidade. Verifica-se, por um lado, a participação da igreja protestante¹ no projeto de Hitler, por terem se utilizado de interpretações grosseiras e forçosas da Bíblia para respaldar suas ações, por outro lado, a ação da igreja católica (Universal) que se negou a universalidade aderindo um projeto de uma raça pura e seleta.

No aspecto protestante, a Bíblia possui autoridade final sobre a vida dos fiéis, considerando assim um livro de regras, fé e prática. No tocante ao aspecto católico, a inclusão universal de todos os povos à Santa Igreja, beira privilégios a uma raça pura e distinta, confrontando assim a sua tradição.

Há uma sedução no discurso, e um encantamento racional daqueles que ouvem tal discurso, pois se tratava de promessas de segurança, tal como os cristãos do século IV necessitavam do Império Romano (Ruppenthal, 2024). Um apelo às aparentes necessidades: para os desesperados a esperança que somente a fé religiosa pode conceder; para os endividados e famintos, a recuperação da dignidade. O discurso político, assim, travestido como discurso religioso, engana as massas? Ou apenas convidando estas para ocupar um lugar de poder e senhorio, mas subjugados pela vontade do líder, preço para quem vem de humilhantes derrotas? Estavam dispostos a pagar?

¹ Destaca-se que nem todos os cristãos protestantes foram unânimes no apoio ao nazismo, bem como os católicos. Em 1931 os nazistas organizaram o Movimento de fé, que era conhecido como os “cristãos alemães” (*Deutsche Christen*), fanaticamente nazista, promotor do cristianismo positivo, e que era um influente grupo minoritário dentro da igreja evangélica alemã. O alvo dos “cristãos alemães” era unificar as diversas províncias evangélicas numa nova e única igreja evangélica, conhecida também como a igreja do *Reich*, sob total domínio estatal. Como oposição aos “cristãos alemães”, por iniciativa de Walter Kunneth e Hans Lilje, surgiu em 9 de maio de 1933, o movimento “Jovens Reformadores”. Karl Barth, então lecionando teologia sistemática na Universidade de Bonn, reagiu aos “cristãos alemães” escrevendo “O primeiro *mandamento como axioma teológico* e a existência *teológica hoje*”. Em 1933, reagindo contra a adoção, pela igreja, do parágrafo Ariano (nova lei que obrigava todos os servidores públicos e suas esposas a “não possuir sangue judeu”, os “jovens Reformadores” se tornam a “Liga emergencial dos pastores”, fundada pelos pastores Herbet Goltz, Jacob Gunther e Eugene Weschke, aos quais se juntaram Martin Nicemöler e Dietrich Bonhoeffer. Oposição e resistência por parte de alguns cristãos que não compactuam com a adesão da igreja ao nazismo (cf. Ferreira, 2010, p. 14-15). Destaca-se também Thomans Mann, Karl Kraus e Heimito Von Dedorer todos cristãos opositores do regime nazista.

1.1 A culpa

Karl Jaspers, fala de uma dignidade perdida em 1933, bem como o ano de uma estupidez e vergonha, por que tal afirmação ocorre? Qual culpa ou responsabilidade os alemães possuem pelos 70 milhões de mortos durante a segunda guerra? O que comentavam nas ruas as pessoas? A importância de Voegelin, é escrutinar a mentalidade alemã pós-nazismo, apontar os principais fatores da participação da sociedade alemã em tal projeto de unificação de uma raça, e destruição de muitos outros povos.

É preciso levar em consideração as palavras de Jaspers (1946, p. 15): “A culpa, antes de ser uma questão imposta pelos outros a nós, é uma questão de nós para nós mesmos”. É apresentado pelo mesmo filósofo algumas diferenciações sobre essa questão da culpa, que pode contribuir para reflexão de como as comunidades cristãs participaram ativamente do apoio ao nazismo. Apresenta-se alguns aspectos da culpa.

Culpa criminal: crimes se configuram em ações objetivamente comprováveis que contrariam leis inequívocas. A instância é o tribunal, que num processo formal estabelece os fatos de forma confiável e aplica essas leis. Culpa política: consiste nas ações dos homens de Estado e na minha cidadania de um Estado, em função das quais eu tenho que suportar as consequências dos atos desse Estado, a cujo poder me submeto e por cuja ordem eu vivo (responsabilidade política). Cada ser humano é corresponsável pelo modo como é governado. [...] Culpa moral: tenho responsabilidade pelas ações que sempre cometo enquanto indivíduo, e a tenho por todas as minhas ações, inclusive pelas ações políticas e militares que executo. Nunca vale apenas “ordem é ordem”. Como muitos crimes continuam sendo crimes mesmo tendo sido ordenados (apesar de que, dependendo do grau de perigo, de chantagem e de terror, há circunstâncias atenuantes), toda ação permanece submetida também ao juízo moral. A instância é a própria consciência e a comunicação com o amigo ou com o próximo, o outro ser humano que, amoroso, se preocupa com a minha alma. Culpa metafísica: existe uma solidariedade entre pessoas enquanto pessoas, que torna cada um corresponsável por toda incorreção e toda a injustiça no mundo, especialmente por crimes que acontecem em sua presença ou que são do seu conhecimento. Se não faço o que posso para evitar isso, também tenho culpa. Se não dediquei minha vida a evitar o assassinato de outros, mas fiquei ali, sinto-me culpado de certa forma que não é compreensível do ponto de vista jurídico, político e moral. O fato de eu ainda estar vivo ao acontecer certa coisa deita-se sobre mim como uma culpa inextinguível. [...] (Jaspers, 1946, p. 19-20).

Nos aspectos da culpa evidenciado, conclui-se que a Alemanha nazista corresponde à alguns fatores de culpa, e quando se diz Alemanha, remete-se ao povo alemão, considerado de maioria cristã e paroquial. Tanto em aspectos coletivo e individuais há uma cumplicidade com as ações de Hitler, seja num aspecto político, com uma participação conivente e negligente onde a paixão parece ter se sobressaído à razão. Quando os crimes estavam sendo cometidos, os alemães eram quem deveriam reivindicar, se voltar para aspectos democráticos e refrear os avanços de uma guerra.

Para Jaspers (1946), a destruição de qualquer essência de um Estado decente, teve origem no comportamento da maioria dos cidadãos alemães, pois um povo é responsável pela sua cidadania, comprometendo-se assim com os aspectos políticos do Estado, neste aspecto há uma responsabilidade coletiva, em que cada cidadão possui deveres e responsabilidade com a nação.

Sob os aspectos da culpa moral, cada cidadão deve olhar para si, como um autoexame, e nessa perspectiva aborda-se a culpa moral, o encargo de consciência. “Mas a culpa moral existe em todos aqueles que dão espaço à consciência e ao arrependimento. Moralmente culpados são aqueles capazes de penitências [...]” (Jaspers, 1946, p. 46). Há os que estão fora da culpa moral, os que escolhem a violência, pois estes são incapazes de arrependimentos e mudanças, e se lhes fossem dadas uma segunda oportunidade, fariam tudo novamente. Jaspers (1946) alude que, esses tais são como são, restando a essas pessoas apenas a violência, pois só vivem pela violência.

Ressaltou-se um outro aspecto da culpa, sendo ela metafísica, que fora apontada como a falta de solidariedade absoluta com o ser humano, essa culpa se realiza na passividade diante da injustiça praticada, da naturalidade do crime. Na Noite dos Cristais, enquanto lojas de judeus eram queimadas, enquanto a violência e o medo se espalhavam, em meio à população, era possível uma indignação, mas isso não se converteu em ação, em solidariedade, e muitas pessoas mantiveram suas atividades sem interrupção, com suas vidas acomodadas e as diversões continuadas, é uma culpa que foge o aspecto político e moral. Apresenta-se assim uma culpa metafísica, e esta culpa possui uma última instância que é Deus.

1.2 O abismo eclesiástico

Verificada a questão da culpa, volta-se o olhar para o que Voegelin chama de *O abismo eclesiástico*. A cristandade substituindo a cruz de Cristo pela *Hakenkreuz* (cruz gamada). As considerações sobre a igreja, Voegelin atribui um fenômeno *pneumopatológico* de corrupção social, isto é, alterações ou desvios ocorridos no espírito, com isso percebe-se um desvirtuar de uma instituição que corresponde uma presença tanto em aspectos materiais e espirituais, dimensões importantes que contempla o humano. As realizações de Hitler não se dão de maneira avulsa, mas se inicia com a procura de culpados e de massas para apontar o dedo de condenação para a mesma direção. Considerando aspectos comuns no âmbito espiritual, os alemães possuíam a fé, bem como no âmbito material em que esperava a recuperação da

nação, seja economicamente ou politicamente, o discurso político religioso, assemelha-se a um sermão abrigando-se em corações devastados.

O ponto de partida, segundo Rees (2018) para o projeto nazista se inicia com o ódio, este historiador, na sua obra *O holocausto*, relata que numa carta de 1919, dirigida a um colega chamado Adolf Gemlich, o ainda desconhecido Adolf Hitler, diante do fracasso da primeira guerra na derrota dos alemães, procura um culpado, julga que os responsáveis pela tragédia pessoal e nacional são uma “raça” não alemã, que mesmo não abrindo mão de suas características e tradições, gozam dos mesmos direitos políticos que os alemães. Hitler (*apud* Rees, 2018, p. 24) diz que “suas atividades produzem uma tuberculose racial entre as nações”. Os inimigos a serem detidos, eram os judeus, por mais que Hitler fosse o maior arauto do antissemitismo, Rees (2018) afirma que Hitler partiu de uma história de perseguição preexistente, remontando ao início do cristianismo quando os judeus se opuseram ferozmente contra a pessoa de Jesus, assim os judeus eram símbolos de tudo o que havia de errado com a Alemanha. A respeito disso, o historiador reitera:

Portanto, ideias nocivas a respeito dos judeus já estavam embutidas até no mais sagrado texto cristão; e gerações de padres os marcaram como um povo “pérfido”, que “quis matar o Senhor Jesus Cristo”. Assim, não é difícil compreender por que a perseguição aos judeus era lugar-comum numa Europa medieval dominada pela cultura cristã (Rees, 2018, p. 28-29).

Thomas Mann, contemporâneo desta crise durante os anos de 1940-1945 escreve uma série de discursos aos ouvintes alemães, e em dezembro de 1940 faz uma abordagem sobre o Natal, logo percebe-se que seu público de modo geral era cristão. Para Mann (2009), o Natal é a mais importante de todas as festas, pois há uma profundidade cósmica e religiosa sendo um símbolo da formação nacional da Alemanha e a civilização alemã se espelha nos aspectos de tal festa, pois representa a luz que irradiou sobre todos os homens trazendo ao mundo um novo sentimento humano e uma nova moralidade. Segundo Mann (2009, p. 16), “[...] uma festa daquele que chamou seu pai de ‘o pai de todos os homens’”. O humanitarismo cristão valeu-se na realidade primordial germânica pagã. Com isso, as atitudes dos ouvintes alemães não correspondem com este ideal, a respeito disso Thomas Mann escreve:

[...] Será que em vez de “Noite feliz, noite de paz” mandaram vocês cantar o sanguinário hino do partido, esse misto de editorial de jornaleco e cantiga popular que eleva um patife obscuro qualquer à categoria de herói mítico? Não duvido que vocês obedeceriam, pois sua obediência é sem limites e, devo lhes dizer, ela se torna cada dia mais imperdoável. [...] Vocês acreditam em um miserável vigarista da história e falso vencedor, acreditam que através dele e de vocês amanhece um novo mundo em que deverão ser liquidados todos os valores, não só aqueles que tornam cristão o cristão, mas também humano o homem, um mundo em que deverão ser liquidadas a verdade, a liberdade e a justiça. Vocês acreditam que ele seja o homem do milênio,

vindo para ocupar o lugar de Cristo e substituir a doutrina do Salvador, a doutrina da fraternidade humana diante de Deus, pela doutrina da violência que mata o corpo e a alma. Vocês acreditam quando ele diz que vocês são um povo de senhores escolhido para criar uma chamada “Nova Ordem” em que todos os outros povos terão de se submeter a vocês como escravos. E, como escravos de seu miserável fanatismo, vocês prosseguem lutando furiosamente por essa “Nova Ordem” medonha, por um mundo, portanto, em que comemorar a festa de Natal, a festa da paz e do amor, seria uma mentira e uma blasfêmia muito pior do que já é hoje. Vocês acreditam acima de tudo, porém, que seria o fim do povo alemão, que ele estaria perdido para sempre, se não “ganhasse” essa guerra, ou seja, se não seguissem um possesso infame até o fim — um fim que parecerá muito diferente de uma vitória (Mann, 2009, p. 17).

As colaborações citadas acima, refletem um ódio e um caráter religioso que fortalece o movimento de violência que se estabelece no cenário da segunda guerra, e com isso há uma marcha disciplinada e fiel dos alemães enquanto acreditam no que é dito. Voegelin (2008) considera que há um apodrecimento intelectual e ético do povo alemão, sendo isto que fundamentou a ascensão do fenômeno Hitler, pois o povo votou em manadas nele. Considerando Weil, há uma comunicação deliberada ao sentimento promovida pelo homem violento, portanto, violência em conhecimento de causa: “a linguagem do homem da obra é a linguagem do sentimento e se dirige ao sentimento” (Weil, 2012, p. 505).

Voegelin, ao tratar do abismo eclesiástico em suas preleções, se volta para às igrejas na Alemanha, isto é, católicas e protestantes. Pois há uma pluralidade de definições de igreja de modo geral, no entanto, segundo Voegelin (2008, p. 208), “a sociedade alemã dentro dos limites do Reich de 1937 era, a esse tempo, um povo essencialmente de Igreja (*Kirchenvolk*). Havia apenas uma pequena porcentagem que pertencia a confissão não cristã e um por cento que eram judeus”. Portanto o povo alemão era um povo de igreja, assim, Voegelin (2008) considera que os alemães na política e na igreja são os mesmos.

As igrejas possuem um caráter social, as instituições devem zelar pelos direitos, justiça e paz, quando a oposição é dissolvida e o caráter político não havia representantes para se opor ao nazismo, a igreja como representante espiritual do homem deveria ser a defensora da dignidade humana frente ao regime da morte.

“Silêncio”, portanto, é a palavra mais utilizada para descrever a resposta cristã ao Holocausto. Apesar de “alguns corajosos indivíduos terem protestado contra as atrocidades” cometidas pelo nazismo, a maioria, incluindo pregadores nas cidades e capelães na guerra, permaneceu em discrição, servindo de “abrigo espiritual” aos criminosos por meio de seu silêncio. Um silêncio trágico que poderíamos chamar, poeticamente, de um silêncio ensurdecedor. (Ruppenthal, 2024, p. 82).

O abismo em que a igreja alemã se encontrava consiste na incapacidade de defender a dignidade humana, pois estava dedicada à corrupção, “A Igreja foi incapaz de lidar com a situação de uma sociedade desumanizada porque a perda de realidade já acontecera dentro da

própria Igreja” (Voegelin, 2008, p. 210). A igreja fecha seus olhos para a manifestação violenta, tal como construções de campos de concentrações, pessoas maltratadas, cidades bombardeadas e judeus torturados, sendo incapaz de ser uma voz profética que denuncia tais atrocidades.

O protestantismo diferente da Igreja Católica, não possuía amarras doutrinárias tão tradicionais, havia uma certa liberdade interpretativa das Escrituras não tão presas à tradição como era o caso na Igreja Católica. Voegelin apresenta uma confissão germânica, considerando um cristianismo pagão, tal confissão afirmava os seguintes valores.

Creio no Deus da religião alemã, o qual se manifesta na natureza, no alto espírito do homem e no poder de meu povo. E no Salvador Kristo (com um "K" para parecer mais alemão), que luta pela nobreza da alma humana. E na Alemanha, a terra onde uma nova humanidade está sendo forjada (Voegelin, 2008, p. 217).

Compreende-se que o extremismo cristão na Alemanha nazista vai contra sua própria fé, moralidade e socorro humano, a ideia de *Volks*, um povo puramente alemão se fortalece dentro das instituições eclesiásticas rejeitando a dignidade humana. A igreja que deveria possuir a face humana de Cristo no mundo se desumaniza, declina a profundos abismos.

Além disso, as lideranças das igrejas protestantes na Alemanha se utilizam de interpretações no mínimo suspeitas para fundamentar seu apoio ao nazismo, se valem do texto bíblico de Romanos 13, no qual Paulo, o apóstolo, menciona que toda autoridade é constituída por Deus e passível de obediência, além das afirmações de Friedrich Gebhardt.

Israel foi o povo escolhido (*Volk*), mas Deus o rejeitou, e deu o Evangelho para um "povo" (*Volk*) que daria seu fruto. [Ou seja, os alemães] Nenhuma nação pode reivindicar o Evangelho apenas para si, mas Deus, mesmo hoje, ainda pode esposar ou rejeitar povos, assim como fez uma vez (Gebhardt *apud* Voegelin, 2008, p. 218).

Claramente tal citação refere-se à rejeição do povo judeu, e a aceitação dos alemães como o novo povo de Deus, a quem este tem esposado. O discurso político na Alemanha nazista é um discurso de fé, como já mencionado, grande parte da sociedade alemã era cristã, seja de tradição protestante ou católica. Do lado católico desse desenvolvimento, houve antes uma iniciativa diferente quanto ao nazismo, só que depois da tomada de poder, a Igreja Católica adotou uma postura distinta. O que antes era condenado depois se tornou aceitável.

O problema da desumanização é evidente, segundo as considerações de Voegelin, e isso consiste nos interesses atingidos, pois nada se diz quando nenhum de dentro das suas paredes são abusados, violentados, colocados em câmaras de gás, a violência quando não ocorre consigo é tolerada e justificada. Os que deveriam lutar pelas causas e dignidade humana se silenciaram, fecharam os olhos como se a responsabilidade também não fosse deles. A descida ao abismo

eclesiástico é uma queda livre para a ausência de fé genuína, ausência moral e ética além de intelectual.

Portanto, a catolicidade se sustenta na ideia de que a Igreja de Jesus é universal, isto é, quem a compõe são pessoas de todos os tempos e todos os lugares, não havendo um lugar de privilégio para uma raça específica, uma vez que os braços abertos na cruz é para abraçar toda a humanidade. Contudo, percebe-se que isso não acontece inicialmente durante o nazismo, sendo assim, a Igreja Católica entra numa contradição consigo mesma ao negar sua universalidade adotando um discurso de ódio seletivo que nega sua própria essência. A Igreja sendo o corpo de Cristo no mundo, expressão máxima de toda fraternidade desumaniza-se, assumindo um papel de servo do seu novo deus, o *Führer*.

No abismo da estupidez, como ressalta Voegelin, apostasia, declínio moral, ético e intelectual mergulha a igreja na Alemanha no início do nazismo, o exército de fiéis que colocaram Hitler no poder, acreditaram nas suas promessas e se comprometeram, na mesma medida abandonaram toda sua crença eclesiástica e os valores cristãos permanentes também na tradição. Era consciente na adesão ao nazismo, Voegelin não crer em uma sedução discursiva de Hitler, mas algo em que a cristandade sabia do que se tratava, Hitler tinha clareza das suas intenções e, assim, da mesma forma foi aceito como a esperança da nação. “O herói salvador enviado por Deus e aceito por seu *Volk* (povo)” para a realização da sua obra e purificação do seu povo.

As Igrejas não foram capazes de defender a dignidade do homem – não apenas de defendê-la com sucesso, mas sequer de defendê-la – porque eles próprios, leigos e clérigos, também foram participantes dessa corrupção, mesmo que num grau menor que o dos próprios nacional-socialistas. A Igreja foi incapaz de lidar com a situação de uma sociedade desumanizada porque a perda de realidade já acontecera dentro da própria Igreja. (Voegelin, 2008, p. 210).

As lideranças eclesiásticas se valeram do uso da Bíblia para respaldar suas ações de apoio ao nazismo e validar as ações do *Führer*, porém negligenciaram a compaixão e a humanidade, negaram tudo o que os tornam semelhantes a Jesus e semelhante a um diabo. O que fez as igrejas apoiarem o nazismo foi a promessa de ressurreição e purificação da nação, o “respaldo” forçado que os intérpretes da Bíblia davam em apoio ao nazismo nos cultos e missas e a crença ao homem enviado por deus para levar a nação ao seu apogeu e livrar-se de todos os que causaram atrasos na nação. A influência religiosa certamente foi responsável pelas consequências políticas desastrosas na Alemanha e na Europa. As massas são religiosas e por isso podem sempre ser instrumentalizadas. E como religiosidade pretende-se dizer que sempre há algo para crer e motivar as ações.

No que diz respeito às lideranças religiosas alguns aspectos podem ser considerados, primeiramente que o fenômeno religioso sempre esteve presente na condição de ser humano, como uma necessidade de conhecer o que se esconde, se reconectar com algo sagrado ou lidar com suas próprias inquietações. A figura do líder, assume várias configurações e nomenclaturas, se apresenta como um mediador dessas relações, como mestre, guru, profeta, homem de Deus, iluminado, messias, pastor, bispo, padres etc. as nomenclaturas podem ir às centenas, bem como aponta Weil.

No contexto da segunda guerra, as lideranças continuam a apontar o caminho, como se fosse de discernimento e apontamento para o certo, fazem a mediação de Deus com o povo, e colocam como representantes do divino nessas relações, utilizam esses lugares e conduzem o povo a partir de um discurso e de interpretações da maior autoridade na vida da cristandade, a Bíblia, considerada como palavra de Deus. Voegelin (2008) ressalta que, aqueles que acreditavam em seus guias espirituais, sejam eles pastores, bispos, padres, foram conduzidos, seguindo anseios de um discurso político trajado de discurso religioso para votar em Hitler, e de forma obediente o fizeram, sendo que o caminho das massas é conhecido pelos líderes religiosos, os caminhos do coração e dos sentimentos que vão ao encontro de suas necessidades e buscam a vontade de Deus nessas realizações que foram manifestas pelos líderes religiosos que visualizaram em Hitler um salvador.

Para fundamentar o discurso, alguns líderes utilizam-se das maiores referências de conduta e prática da espiritualidade cristã para alcançar determinados propósitos, valem-se de interpretações mal-intencionadas da Bíblia e de distorções da tradição, no aspecto da fé protestante e da tradição católica. Eric Voegelin em suas preleções, discorre sobre a dissonante e grosseria interpretação de Romanos 13, carta de São Paulo de Tarso, o Apóstolo. Neste texto há uma abordagem de como a cristandade ou a Igreja deve se relacionar com as autoridades, e o contexto das relações de declínio moral e espiritual, lideranças utilizaram essa passagem bíblica para fundamentar seu apoio a Hitler.

Todos devem sujeitar-se às autoridades, pois toda autoridade vem de Deus, e aqueles que ocupam cargos de autoridade foram ali colocados por ele. Portanto, quem se rebelar contra a autoridade se rebelará contra o Deus que a instituiu e será punido. Pois as autoridades não causam temor naqueles que fazem o que é certo, mas sim nos que fazem o que é errado. Você deseja viver livre do medo das autoridades? Faça o que é certo, e elas o honrarão. As autoridades estão a serviço de Deus, para o seu bem. Mas, se você estiver fazendo algo errado, é evidente que deve temer, pois elas têm o poder de puni-lo, pois estão a serviço de Deus para castigar os que praticam o mal. Portanto, sujeitem-se a elas, não apenas para evitar a punição, mas também para manter a consciência limpa. É por esse motivo também que vocês pagam impostos, pois as autoridades estão a serviço de Deus no trabalho que realizam. Deem a cada

um o que lhe é devido: paguem os impostos e tributos àqueles que os recolhem e honrem e respeitem as autoridades. (Romanos 13,1-7).

O texto da *Carta de São Paulo aos Romanos* é utilizado como fundamento para muitas lideranças religiosas conduzirem seus rebanhos em nome de um temor à Deus, fazendo-se assim reconhecer que as autoridades terrenas apesar de toda violência e ação contrária ao que seria bom, age em cumprimento da vontade de Deus. Sabe-se que, o discurso religioso é um discurso político, no contexto de segunda guerra, as esferas religiosas e políticas se confundem, as elaborações e conceitos que fazem parte do cenário religioso estão presentes com muita força na vida dos alemães.

A ideia de ressurreição da nação, triunfalismo, domínio, conquista e expansão, messianismo e salvação, fazem alusões a um discurso religioso de salvação.

Em todos os documentos, evangélicos e católicos, com os quais os pertencentes às comunidades foram ordenados a obedecer a Hitler, há dois textos da Bíblia, invocados pelo clero a fim de determinar obediência às autoridades. Esse mandamento diz "Honrarás pai e mãe". Este "pai e mãe" é agora expandido pela interpretação para "Honrarás o Estado, porás em prática as suas leis, obedecerás às autoridades!" (...) Isso é feito agora com Romanos, 13 - e aqui, na verdade, o elo é Lutero, que a esse respeito é totalmente adotado pela Igreja Católica, ou seja, que "todos devem sujeitar-se à autoridade". (Voegelin, 2008, p. 235-236).

Hitler sabia utilizar esses mecanismos, um mestre das instrumentalizações de massas, ou em linguagem religiosa, o homem enviado por Deus, o profeta, o herói que um povo órfão necessitava. Os intérpretes das Escrituras se colocavam na condição de arautos, ou anunciadores dessa manifestação e de que tudo estava acontecendo de acordo com a vontade de Deus.

Há uma utilização perversa da Bíblia, distorções interpretativas foram feitas para respaldar o apoio cristão ao nacional-socialismo, as ações de Hitler estavam sendo levadas adiante com algumas lideranças religiosas, examinando as Escrituras conforme suas necessidades, buscando que o povo fizesse parte de tal projeto, ou seja, um projeto de nazificação.

As Escrituras foram utilizadas de má fé para respaldar as ações e domínio de Hitler sobre as massas religiosas, tendo como colaboradores as próprias lideranças ávidas por poder e participação na ressurreição da nação, tendo por objetivo a manutenção do paraíso na terra, um novo mundo de paz e restauração promovido pelo nazismo, a liderança religiosa queria fazer parte desse projeto, ainda que sacrificasse o principal documento tido como inspirado e manual de regra fé e prática.

2. A OBRA

2.1 Categorias, atitudes e retomadas, o tripé de compreensão da filosofia weiliana

Neste segundo momento da pesquisa, outro filósofo assume o protagonismo da discussão; algumas considerações serão feitas a partir de Éric Weil. Considera-se primeiramente, expor alguns conceitos da filosofia weiliana que são chaves para a compreensão da *Lógica da filosofia* e da pesquisa que se segue. É de fundamental importância entender o que são *atitudes*, *categorias* e *retomada*, que permeiam toda filosofia de Éric Weil² e como esses conceitos se relacionam e são utilizados para uma leitura próxima de uma precisão na história do homem.

Entende-se por *atitude*, um modo de viver, de se portar no mundo. Weil (2012, p. 105) compreende que “O homem está no mundo [...] de determinada maneira, ele vive numa determinada atitude”, isto é, o homem com alguma realização no mundo e vivendo de alguma forma. Muitas são as atitudes humanas ao longo da história, só que nem sempre essas atitudes são conscientes, mas se realizam mesmo não refletindo sobre si mesmas, como aponta Weil (2012).

A *atitude* que busca um discurso ou uma compreensão denomina-se *categoria*, que é a elaboração e compreensão coerente de determinada *atitude*. Weil (2012) define como uma apreensão do essencial do seu mundo como conceito. Esse conceito é designado como *categoria*. Para Weil (2012, p. 108) são “Atitudes para o homem na vida, categorias para o

² Eric Weil nasceu na Alemanha a 8 de junho de 1904 na cidade de Parchim no estado de Mecklenburg. Estudou medicina e filosofia em Hamburgo e Berlim. Aluno de Ernst Cassirer doutorou-se sob sua orientação, em 1928, com uma tese sobre Pietro Pomponazzi, publicada em 1932 com o título *Die Philosophie des Pietro Pomponaziem in Archiv für Geschichte der philosophie, XLI, Heft 1-2, Carl Heymanns Verlag*, Berlin. De origem judaica, leitor de *Mein Kampf* (livro autobiográfico de Hitler no qual continha o programa ideológico para a Alemanha com ideias racistas e antisemitas) e profundo conhecedor dos acontecimentos que assolam seu país natal desde a escolha de Hitler para o cargo de Chanceler da Alemanha, Weil decide em 1933 deixar a Alemanha e exilar-se na França. [...] Parte para o exílio francês três anos antes da ascensão do nazismo e cinco anos antes do que ficou conhecido como a Noite dos Cristais (*Reichskristallnacht* ou *simplesmente Kristallnacht*), nome popularmente dado aos atos de violência que ocorreram na noite de 9 de novembro de 1938 em diversos locais da Alemanha e da Áustria, então sob o domínio nazismo ou Terceiro Reich, onde houve a destruição de sinagogas, lojas, habitações e de agressões contra as pessoas identificadas como judias. [...] Em 1938, conquistou a cidadania francesa e defende o trabalho (resultado do estudo sobre o Renascimento e a astrologia), orientado por Alexander Koyré, intitulado *Pic de la Mirandole et la critique de l'astrologie*. Em 1940, sob o nome de Henri Debois, Weil é incorporado às forças da Resistência onde no front, é capturado e preso por cerca de cinco anos. No cativeiro é designado intérprete e torna-se um dos principais membros organizadores da resistência dos prisioneiros de guerra. [...] Em 1945 os britânicos libertam o campo de prisioneiros e Weil é designado para a organização do regresso destes. Em 1950 apresentou, sob a direção de Jean Wahl, a *Logique de la philosophie*, como tese principal, e *Hegel et l'État*, como tese secundária, para o Doutorado de Estado. Publicou *Philosophie Politique* (1956), *Philosophie Morale* (1961) e *Problèmes Kantiens* (1963), além dos dois volumes de *Essais et conférences* (1970-1971). Os principais artigos e conferências foram organizados em *Philosophie et Réalité* e *Demiers essais et conférences* (1982) Perine (*apud*. Julião, 2021, p. 10).

filósofo, juntas elas permitem compreender o homem, permitem ao homem compreender-se” e “são as categorias que determinam as atitudes puras; são as atitudes que produzem as categorias” Weil (2012, p. 108). Lins Júnior (2017, p. 109) contribui para o esclarecimento com as seguintes palavras: “Ora, a categoria é um avanço da tomada de consciência do modo de ser no mundo para uma expressão em discurso coerente. Avanço que ocorre numa decisão livre que busca compreender”.

Um outro conceito importante que também é trabalhado na filosofia de Weil, é o de *retomada*, entende-se com esse conceito, segundo Weil (2012, p. 123), “[...] a retomada, para empregar um conceito kantiano, é o *esquema* que torna a categoria aplicável à realidade e que permite assim realizar concretamente a unidade da filosofia e da história”. As categorias ou discursos já realizados ou ultrapassados podem ser retomados para uma compreensão do tempo presente, pois a história em que o homem está inserido e carregado de reflexão que é a filosofia, torna-se dois aspectos do que o homem apresenta de si mesmo, ou seja, a história do homem que reflete a si mesmo buscando compreender-se. Para Weil (2012), a equação de história e filosofia alcança o mesmo resultado, o homem que fala de si para si mesmo. Por isso, não é de se estranhar se outras categorias forem apresentadas nesta pesquisa. Vale ressaltar as palavras de Lins Júnior.

O sistema weiliano não nos fornece um encadeamento necessário de conceitos, mas se caracteriza, fundamentalmente, pela busca do solo comum de todas as filosofias. Esse solo, por sua vez, não é também um conceito, seja ele o Ser, Deus, o Nada, mas uma atitude, a saber, a filosofia começa quando o homem escolhe compreender, querendo dizer que a filosofia começa quando o homem escolhe justificar sua vida pela compreensão, pela razão, vale dizer. (Lins Junior, 2017, p. 103).

Pretende-se estabelecer pontos de contato com o discurso no passado proferido, e com aquilo que hoje é dito. Assim sendo, a *retomada* continua a movimentar o sistema antes anunciado por Weil. Sobre a necessidade da *retomada* para se pensar o contexto atual, aponta-se as palavras de Lins Júnior: “O conceito da retomada é importante porque garante a abertura do discurso e a filosofia como filosofar, como processo, uma vez que a retomada é a busca de compreensão de um mundo novo, por parte do homem, que se utiliza de discurso antigos diante desse novo” (Lins Júnior, 2013, p. 115).

As formas como os homens vivem, como buscam se compreender e o que buscam empreender não ficam retidos em um tempo na história, mas avançam, partem de discursos já ditos, isso deve-se à retomada. Para Lins Junior (2013), trata-se de desenvolver a aplicação da filosofia à história, a passagem de uma categoria para outra. Para uma compreensão presente

das *atitudes*, as *categorias* antigas pensam no presente as situações vividas, assim acontece pela retomada.

Certamente, tal ação traz preocupações, pois a história humana está inserida em violência que são variadas e a manifestação da pura violência enquanto *categoria* específica. A categoria-atitude da *obra*, segundo Weil (2012), é uma realização inacabada e projetada, ou seja, está no futuro, à frente do presente, lançada. Com isso compreende-se um movimento que vai se sucedendo ao longo da história, o que se torna terrível, é que a elaboração de tal discurso é de violência.

Observa-se que “A retomada, assim, permite que o homem compreenda os discursos do passado e sua relação com o presente enquanto nova realidade” (Lins Junior, 2013, p. 117). Constata-se aparentemente que antigos problemas continuam sendo os mesmos da atualidade, impressiona-se com as semelhanças dos acontecimentos e de como eles se sucedem em datas e contextos diferentes. Portanto, a *retomada* configura-se numa busca de compreender o mundo atual, com base em discursos anteriores ou antigos para compreender o presente momento.

Portanto, a categoria-atitude a ser trabalhada é a da *obra*, que é expressão da pura violência, e como se sabe, é uma atitude que ocorreu em um tempo na história, mais precisamente no período da segunda guerra. Destaca-se nessa *categoria* alguns elementos que receberam uma atenção um pouco maior, que é o *homem da obra* e a *instrumentalização* para realização da *obra*, e tal instrumentalização se dá com as massas, pois o *homem da obra* visa seu propósito com o apoio das massas.

2.2 As particularidades da *obra*

Considera-se de antemão, que há possibilidades para o homem enquanto animal, ou seja, ele pode ser racional, ou pode ser a manifestação da violência. Sendo assim, a razão é uma possibilidade, em outras palavras, é possível que o homem seja racional e é possível que se manifeste como uma outra expressão, a violência. Para Weil (2012), o viver, o filosofar, a sabedoria constitui-se possibilidades, mas é apenas uma das possibilidades e não uma necessidade. “A outra possibilidade do homem é a violência”, Weil (ano, 2012. 88). A violência pode ser chamada o *outro* da filosofia, ou o *outro* da verdade, pode ser que tais referências à violência surja ao longo da pesquisa para se referir a essa outra possibilidade: “a recusa da verdade, do sentido, da coerência, a escolha do ato negador, da linguagem incoerente, do discurso técnico que serve sem se perguntar para quê, o silêncio, a expressão do sentimento pessoal e que se pretende pessoal” (Weil, 2012, p. 99). A violência é a negação do universal,

com isso se entende aquilo que é comum a todos. Essa possibilidade de razão e violência constituem-se os aspectos fundamentais e basilares da filosofia, sendo a violência um problema para a filosofia.

A décima quarta *categoria* na *Lógica da filosofia*, trata da manifestação da pura violência, fala-se dessa forma pois há outras maneiras de se conceber a violência, em um panorama plural desse quadro. Soares (2014) fala de uma dupla maneira de conceber a violência, em um aspecto interior e exterior.

A violência interior é própria da constituição subjetiva e das volições da personalidade do homem, violência que aflige de dentro, já a violência exterior é aquela que do reino puramente objetivo da natureza, que o fustiga de fora. A violência interior caracteriza o movimento das paixões que agem dentro do homem, as inclinações que seguem apenas a parcela não razoável do seu ser. (Soares, 2014, p. 127).

Caillois (*apud.* Soares, 2014, p. 128) apresenta distintamente três estados de violência: a violência natural, que consiste numa agressividade espontânea, ou seja, o homem como presa e predador; a violência passional, que se expressa como ação individual dos desejos e crenças, constituindo-se um ato livre; e a violência pela violência, sendo ela pura, a que transgride conscientemente toda moralidade e racionalidade. A dedicação nesta parte da pesquisa é se atentar para o último estado de violência.

Pretende-se demonstrar ligeiramente que a *obra*, a violência pura, possui uma natureza ou elementos que a constituem. Soares (2021), explica que a *obra* é uma transgressão da lei moral e do universal, pois ela não se ocupa de pensar, mas de agir, constitui-se o reino do sentimento que é o mesmo da violência. Weil (2012) aponta que a *obra* exclui toda comunidade e fundamenta-se na unicidade, não há comunhão, só há o agir e um agir violento.

A *obra* não nega a si mesma, se apresenta na luz do dia, e quanto esse aspecto, a respeito da violência e de sua presença, Weil aponta que, “a violência está presente – oculta, confessa, estampada, preconizada, dissimulada –, mas sempre consciente de si mesma” (2012, p. 499). A *obra* não se envergonha, não se intimida, ela é uma aproveitadora e oportunista, utiliza-se de todas as categorias, assim que as rejeita (Weil, 2012).

Na visão da *obra*, só há dois tipos de seres, os que cooperam com ela (os que aderem a seu projeto) e os inimigos, que são os filósofos, os que pensam. A *obra* é uma criação não terminada, os meios de realização da *obra* não devem se confundir com a própria *obra*, é uma marcha constante, um movimento mais do que está se movimentando (Weil, 2012).

É apontado por Soares (2021), que a *obra* é um movimento infundável e também de criação, sendo que seu caráter é absoluto, fundamentando assim sua vocação para o

totalitarismo. Soares (2019), indica as distinções entre *tédio* e *totalitarismo*, verifica que o segundo necessita de uma organização, a criação da *obra* se dá em um mundo organizado, e este mundo é o fim da obra. “Ora, esse mundo é o mundo do trabalho, e da organização dos homens, o mundo da sociedade e do Estado” (Weil, 2012, p. 503). Uma outra característica da *obra*, é o uso das massas, a instrumentalização dos homens para o cumprimento dos seus propósitos – a respeito dessa característica, será feita uma abordagem mais à frente.

Compreende-se diante disso que foi exposto, que a *obra* é uma categoria que não se ocupa do filosofar, mas se opõe a tais aspectos, é o desprendimento do pensar. Está no campo de ações, e essas ações correspondem sempre a si mesmas, não enxergando nada além de si. Se manifesta como pura violência em mundo organizado pelo homem, onde suas estruturas estão em funcionalidades, como se fosse o ambiente pleno para a semeadura da sua realização. A *obra* se utiliza de uma linguagem, mas essa linguagem não é a sua, pois ela visa utilizar tudo, para sua realização, nada mais importa, a não ser a si mesma.

2.3 O homem da obra

Weil apresenta aquilo que ele chama de escândalo da razão, ou seja, a violência em sua inteira pureza, a recusa da razão, o que não aceita e nem visualiza outra coisa a não ser a sua obra, a violência. A respeito da *obra*, enquanto *categoria*, *considera-se* como atitude que se apresenta como ultrapassagem ou transição, isto é, nela esta recusa e revolta contra o discurso absolutamente coerente, a passagem das categorias do pensar para as categorias do agir. Ela se apresenta como a tentativa de reconhecer no discurso coerente a atitude do homem violento (Julião, 2021). Inicia-se esta sessão a respeito do escândalo da razão com a seguinte citação, que será norteadora para a discussão a respeito do *homem da obra*:

O homem não pode pensar mais longe que o absoluto, visto que pensar é buscar coerência, e que a coerência é tudo, em si e para si. Mas o homem pode *haver pensado*, pode haver concordado com tudo o que a ciência ensina, e pode não *pensar*, não *querer pensar*, se recusar ao Pensamento. Para o absoluto, existe nisso apenas escândalo, assim como toda passagem é escândalo para o ultrapassado. [...] Ele pensou, ele possui a ciência, ele *sabe* o que é negatividade, conhece a particularidade e sua obstinação não razoável, e ele se *pretende* obstinado e não razoável; ele sabe que no Pensamento, ele desaparece, e que esse desaparecimento é legítimo se ele aceita pensar; e é por isso que ele rejeita o Pensamento. Ele não quer pensar, ele quer ser, não como a personalidade, contra tudo e contra todos, não como a inteligência, separada de tudo e todos, mas ser tudo e todos. [...] Para ele, trata-se de se desvencilhar do universal do Pensamento para ser o universal, não se trata de pensar-se reconciliado, mas de estar reconciliado. *Quando* ele se pensa, ele se pensa como escândalo. (Weil, 2012, p. 488).

A citação acima explicita bem o que será tratado neste momento, será discorrido a respeito daquilo que é escândalo para a razão³, e como se manifesta o *homem da obra*, e o que ele seria? Será apresentado algumas características constituintes do *homem da obra*, aquilo que Weil deixa evidente sobre esse homem.

Diante das leituras feitas na décima quarta categoria, da *Lógica da filosofia*, percebe-se pelo menos três características do *homem da obra*: nota-se, primeiramente, que o *homem da obra* é a recusa da razão; posteriormente, percebe-se que o *homem da obra*, a si mesmo se basta, sendo ele só; e, por fim, o *homem da obra* é aquele que não entrega outra coisa a não ser violência.

O homem da *obra*, também chamado de criador, de acordo com a primeira característica percebida, como aquele que recusa a razão, isto é, aquele que se opõe ao discurso, o que possuía conhecimento de causa da razão, mas a nega deliberadamente, tem a violência como possibilidade e dela se aproxima, sendo a violência o que o constitui. “O indivíduo a que nos referimos aqui, não é aquele que não conhece as possibilidades do discurso absolutamente coerente, mas aquele que conhece o saber absoluto e a recusa” (Perine, 1987, p. 59).

[...] o problema fundamental da filosofia não é mais a oposição entre discursos, mas ele se mostra novamente como problema que, desde o início, revelou o segredo da filosofia, ou seja, a oposição entre discurso e a violência. A diferença é que agora a oposição se estabelece entre o discurso coerente na sua totalidade e a violência pura, entre a filosofia consciente de si mesma e essa atitude pós-filosófica e anti filosófica do homem que conheceu a filosofia e, apesar dela e contra ela a recusa. (Perine, 1987, p. 60).

O *homem da obra* utiliza linguagem, utiliza saber, tem conhecimento de ciência, mas nada disso importa, somente sua *obra*. É um indivíduo que pode se voltar para o discurso, mas ali não permanece, pois seu lugar é no irredutível, no obstinado, na radicalidade da violência. O homem é destituído completamente de interesses, é desprendido do discurso, é o abandono do universal. Ao homem, tudo que possui é sua *obra*, como algo que lhe pertence intimamente, (Weil, 2012). “Ele sabe muito bem em que consiste o discurso absoluto, a razão real, a realidade razoável: se ele os rejeita é com conhecimento de causa” (Weil, 2012 p. 511).

³ “Segue daí que a filosofia pode ser recusada, sem que por isso se deva considerar aquele que a recusa menos homem ou um louco. [...] O filósofo é um homem como os outros, cheio de desejos, necessitado e marcado pela negatividade como todos os outros. Porém, ele descobre que o que se opõe à razão e impede a realização da razão é uma forma determinada de negatividade, é o desejo do que não é legítimo, do que não é razoável, numa palavra: a violência. Assim, graças àquilo que se opõe à filosofia, descobre-se o segredo da filosofia, ‘O filósofo quer que a violência desapareça do mundo’, porque sendo homem, e não ainda sábio, ele não está nunca totalmente seguro de sua razão. Mas ainda, ele sabe que só a violência poderá impedi-lo de se tornar ou de ser sábio”. (Perine, 1987, p. 57).

Portanto, ele é verdadeiramente o escândalo da razão, é a concepção de um ser a-histórico: “um fenômeno que pode surgir a qualquer momento, sempre início e fim em si, sem relação a um anterior ou a um posterior, herói tanto quanto louco ou criminoso” (Weil, 2012, p. 511). O que é de se espantar, é que o *homem da obra* a tudo compreende em aspectos filosóficos, e os rejeita, ele não quer isso, “ele sabe que todo saber conduz à ciência absoluta; ele não quer saber, (Weil, 2012. p. 512). O homem da obra olhando para trás possui toda a história do pensamento, mas isso não lhe interessa.

Uma outra característica percebida no *homem da obra*, é que ele se basta a si mesmo, recusa o universal, a unicidade é exposta e nada mais. Ele é visto por ele próprio, Weil (2012) aponta que sua essência violenta, faz com que no tocante a outros, seja imoral, sem gosto, sem fé, sem lei, resultando em um ser incompreensível, a não ser para si mesmo.

Entre esse homem e os outros não existe relação de comunidade ou de comunhão, e nem deve haver. Ele não é apenas único (como a personalidade era), mas só. Seria absurdo para ele se colocar no lugar de outro, pois não há lugares e nem seres comparáveis, não existe homens, [...] existe ele. [...] Ele é só, só absolutamente, não isolado como alguém que foi eliminado ou se subtraiu de uma comunidade à qual continua a pertencer. (Weil, 2012, p. 499).

O *homem da obra* é dissimulado, ainda que outros homens o enxerguem como alguém comunitário, um que pertence aos seus, de vínculos familiares, o *homem da obra* pode deixá-los com que permaneçam nessa opinião, sendo que isso não revela a verdade do que é. Sendo inimigo ou “amigo”, o ritmo é ditado pelos meios que conduzem a sua obra, o que importa é a sua realização, e em nada disso a violência é acobertada, mas está exposta diante de todos.

“O homem da obra é só, e só sabe ser único; ele não pode falar com os outros, mas apenas aos outros: o projeto que ele quer realizar deve ser-lhes proposto na linguagem deles, na linguagem que surte efeitos sobre eles” (Weil, 2012, p. 517). Não há espaços para outros, há somente *a obra* e sua realização, o *homem da obra* não tem receio de utilizar a tudo e todos, ele a si mesmo se basta, e sua obra é o que lhe é mais precioso, sendo que não mede esforços para sua consumação. Para o outro, o *homem da obra* nada visualiza a não ser uma instrumentalização, uma objetificação, tendo o outro como meios de alcance da sua realização – quanto a isso, abordaremos mais à frente, aqui compete analisar como o homem da obra se porta com o outro.

A terceira característica percebida no *homem da obra*, é que ele não oferece outra coisa a não ser violência. “A violência que criou, cria e criará tudo que foi, é e será” (Weil, 2012, p. 500). O *homem da obra* não possui aspirações e desejos para satisfazer. “O homem da obra é o único qualificado para consumir o fim proposto pela categoria. Ele é um *gênio* que realiza a liberdade, ele é o *personagem histórico* de sua época que fixa as estações e caminho no

progresso [...]” (Weil, 2012, p. 517). Para os que se manifestam úteis para a obra, ele é sincero, mas para os que a recusam ele os vê como obstáculos, seja para sua realização ou para seu impedimento, a obra num fim resulta somente em violência.

Portanto, as três características do *homem da obra* observado, estão intimamente relacionadas e uma parece conduzir a outra. Há o escândalo da razão, o homem que conheceu o filosofar, mas mesmo assim o nega, se volta para a outra possibilidade que é a manifestação de violência. Segundo Weil (2012), é a filosofia o aspecto fundamental dos seus inimigos, estes recusam a colaboração com a *obra*, pois sujeitam tudo a um julgamento, mesmo prontos para agir. O *homem da obra* a si mesmo se basta, não há visualização do outro como necessário para sua realização, há uma utilização instrumental para o projeto da *obra*, para o *homem da obra* existe somente a si e sua *obra* como necessário, tendo uma eliminação de todo aspecto comunitário.

O *homem da obra*, não oferece outra coisa, a não ser a violência: tudo feito a partir do desejo de sua *obra*, ainda que os rastros sejam de destruição e morte, não importa para ele, não importa quem, não importa quantos, não importa como, só sua *obra* importa. Como pode ser isso acolhido? É acolhido porque a linguagem da *obra* é direcionada aos sentimentos, aos anseios, as paixões e é uma linguagem que só a violência entende.

2.4 As massas e sua instrumentalização

Há no discurso totalitário uma manipulação e forte habilidade de controlar as emoções das massas e, com isso, o controle de suas ações. Há uma apresentação do objetivo final e do propósito, a vontade daquele que manipula as massas e a instrumentaliza para seus fins, este logra êxito.

De acordo com Weil (2012), a *obra* é quem confere sentido ao mundo, mesmo ela não possuindo sentido algum, e isso se dá na sua realização. A realização da *obra*, atribui promessas e propósitos, mas não passam disso. Pois os homens não têm o que realizar, eles não possuem obra, se submetem aquilo que Weil chama de existência comum de sua tradição, que é a do trabalho, com isso pode entender o projeto à sua maneira. Mas, a *obra* não é produzida ou fabricada pelo trabalho ou por determinadas tradições. A *obra* faz promessas;

[...] o que é agora é a época preparatória, a geração sacrificada, o tempo da infelicidade, cognoscíveis como tais graças ao projeto; somente a obra realizada proporcionará o definitivo, a vida plena, a felicidade. É apenas na condição de ter essa fé que os homens se entregarão à obra, se submeterão àquele que a anuncia. (Weil, 2012, p. 504).

Na tentativa de conceber sentido ao mundo, a *obra* por meio de uma comunicação ao sentimento, encontra instrumentalização através dos homens, pois estes como já dito não possuem obra, e a sua realização se dá por meio das massas, e o sentimento que toma conta dos homens ou das massas é de que a vida é vazia de sentido, escassa de propósitos, de que a vida não possui valores genuínos, que não há liberdade (Weil, 2012). É exatamente nesse vazio, nesse sentimento que a *obra* se instala, se utilizando de discursos que não são seus. O *homem da obra* se apresenta utilizando múltiplas formas, não se importando com a contradição, pois o sentimento é o alvo do *criador*.

Ele pode falar de si mesmo empregando todas as categorias, qualificar-se de profeta, de homem do destino, de mestre, de homem clarividente entre os cegos, de inteligência entre os obtusos; pode expor seu projeto de todas as formas, como sentido da história, como realização da liberdade, como organização perfeita – nada o limita na escolha dos termos, contanto que estes expressem sua unicidade e a de sua obra, e que lhe granjeiam o auxílio dos outros. (Weil, 2012, p. 505).

O que almeja as massas? Quais seus desejos? O que é visualizado é o desejo do melhor, como diz Weil (2012), um sentimento formado pela tradição do progresso. Os homens, não passam de meios, de instrumentos “os homens são a massa, o material da obra” (Weil, 2012, p. 507). Nesta relação, do *homem da obra*, ou o *criador*, com as massas, os papéis estão bem definidos, o *homem da obra* se apresenta como uma figura divina, e com uma mensagem repetitiva, “Eu sou o criador da obra; é preciso realizar o projeto que eu trago diante de vós, adiante de vós; é preciso sentir que deveis subordinar-vos a ele com tudo que tendes e sois” (Weil, 2012, p. 506). Percebe-se que essa apresentação do *homem da obra*, possui uma conotação altamente religiosa. Para as massas, sempre fiéis, promete “uma dignidade nova, inaudita até aqui, e anuncia para já; eles serão senhores do progresso, de imediato agora” (Weil, 2012, p. 507).

As massas possuem também uma característica importante para a sua instrumentalização, não podem deixar de serem organizadas, não é simplesmente um amontoado de pessoas, ou soma de indivíduos, mas consiste em uma organização, devem possuir essa característica organizacional, na sociedade e no Estado, a *obra* se interessa por isso, assim sendo poderá instrumentalizar essas massas e os aparatos por elas produzidos.

A *obra* possui um caráter escatológico? Considerando as palavras de Weil, há uma descrição do curso da *obra*, como algo a ser projetado, sempre adiante, como diz: “à frente do presente” (2012, p. 504). Para uma contundente manipulação das massas, o homem da *obra* garante aquilo que será definitivo, isto é, a *obra* realizada, crendo na plenitude e na felicidade,

Weil (2012) diz que é nessa condição de fé que os homens se entregam à *obra*, e se submetem ao homem que a anuncia.

3. BRASIL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE VOEGELIN E WEIL

3.1 Cristianização do Brasil: breve histórico da religião cristã

Procura-se, a partir do tempo atual e das compreensões obtidas nas análises feitas, contextualizar a discussão, observando os principais elementos destacados tanto em Voegelin como em Weil, a saber: as massas religiosas, a violência e a instrumentalização de massas.

Para compreender o *status quo* de um país “conservador” religiosamente, precisa-se retomar suas origens, levando em consideração o contexto brasileiro e sua formação religiosa, sobretudo cristã. Fato importante a ser considerado na pesquisa é a abordagem que o historiador britânico Lawrence Rees faz, trazendo a ideia de *Volks*, no cenário de segunda guerra provocada por Hitler, isto é, um povo puramente alemão, um povo com grande tradição religiosa, sendo berço da reforma protestante e onde a tradição católica era muito forte, tais semelhanças também estavam e estão presentes no Brasil, considerando seu processo de cristianização como fundamento da moral. Fazendo desta forma com que uma longa tradição religiosa cristã se estabelecesse no país durante alguns séculos, com profundos efeitos atualmente.

Em solo brasileiro foi semeado desde o início um teor religioso cristão (sem contar as religiões indígenas suprimidas pelo cristianismo e as religiões de matrizes africanas). Dos jesuítas aos neopentecostais, a religião cristã esteve presente em todo desenvolvimento histórico do país, constituindo assim uma grande força de caráter político, sendo, assim, o cristianismo uma religião de massas. O Brasil era tido como grande campo missionário, berço de almas a serem convertidas, com isso, segundo Lenz Cesar (2000), no início da expansão missionária, os mesmos tornam-se intolerantes, coniventes com a escravidão e outras injustiças.

Lenz Cesar (2000, p. 14) registra que “nos séculos XVI, XVII e XVIII os missionários católicos cristianizaram o país; no século XIX, os protestantes evangelizaram o país; e no século XX, os pentecostais *pentecostalizaram* o país”. E a nova onda que se estabeleceu no Brasil é o neopentecostalismo, com estranhas teologias de prosperidade e de domínio. Ou seja, o Brasil tem sido solo religioso, sobretudo cristão desde os primeiros portugueses aqui chegados.

No que diz respeito aos primeiros séculos no Brasil, o movimento católico estava atrelado a questões políticas, tais como expansão territorial, colonialismo, aumento de poder político e de comércio. Boxer (*apud* Lenz Cesar, 2000, p. 20) cita que “a aliança estreita e indissolúvel entre cruz e a coroa, o trono e o altar, a fé e império, era uma das principais preocupações comuns aos monarcas ibéricos”, assim vai se construindo de determinada forma a relação de política e religião no Brasil.

No caráter protestante, ou em um segundo momento da cristianização do Brasil, se instalam neste solo as denominações históricas: os acontecimentos em 1810, o tratado de comércio e navegação entre Portugal e Inglaterra; e em 1822, com a independência, os missionários protestantes se estabelecem no Brasil. Acontecendo mais um forte movimento cristão no país.

Já no século XX, os ventos de influências cristãs vêm do fenômeno pentecostal, movimento que começou nos Estados Unidos e se instalou no Brasil muito fortemente começando pelas assembleias de Deus. No final do século XX, os movimentos como renovação carismática e o neopentecostalismo também dão novas cores ao movimento cristão no país.

Percebe-se que uma consciência religiosa muito profunda é enraizada no Brasil, uma grande massa se forma, maduras para serem capturadas pelo discurso apaixonado que vão ao encontro dos seus interesses e aos seus credos. Assim, acontecendo, a política muito bem se relaciona com a religião visando o apoio das massas, sendo estas trampolim para o poder e estabelecendo lideranças segundo seus ideais, ainda que em um primeiro momento.

Tendo no Brasil a política contornos de religião, o religioso precisa crer e nisto há a manifestação dos símbolos, sendo essa uma das principais fontes discursivas do *homem da obra*, outrora mencionada. No cristianismo, muito se destaca a imagem do profeta, do libertador, do salvador, do líder no qual procuram se identificar e serem representados, os discursos que expressam sua crença, ainda que destituam o outro, sempre será acolhido. É interessante para o *homem da obra* manter as massas organizadas, com os seus credos, assim compreende Weil.

[...] os homens são a massa, o material da obra. Por certa essa massa não é absolutamente informe, ela não é uma simples soma de indivíduos; ao contrário, está organizada na sociedade e no Estado, e é do interesse da obra manter essa organização – e não desfazê-la – para dela se servir, mas opondo-lhe ao mesmo tempo o seu mito. (Weil, 2012, p. 507).

Como já considerado, os acontecimentos do passado não se perdem, mas podem ser retomados, ainda mais diante uma *categoria* tão perigosa como a da *obra*. Portanto, dentro do quadro atual e a explosão de lideranças cristãs no Brasil envolvidos diretamente na política nacional e com o extremismo, as memórias e reflexões do que é discutido por Voegelin em suas conferências tornam-se atuais. Percebe-se que os mesmos princípios usados pela cristandade alemã no nazismo são, de certa forma, utilizados na atualidade, isto é, o valor da tradição, interpretações bíblicas forçosas que validam tais atitudes.

3.2 A religião política

Considera-se seriamente a afirmação de que a religião é utilizada politicamente possuindo um caráter redentor. Linguagem que não é estranha para o religioso e nem há dificuldades para a compreensão. Ora, quem vive o desastre, o terror e a crise, alimenta-se de palavras de esperança, ressurreição da nação, preservação dos valores e crenças semeadas neste solo. Tudo que ameaça tais valores é visto naturalmente como o inimigo a ser combatido.

Um Brasil cristão (laicidade parece ser somente um conceito e uma constituição distante) está inteiramente voltado e imerso nas questões políticas, e apoio a esse tipo de ideia não é cego e desorientado, é consciente. A mesma denúncia feita por Voegelin em suas conferências cabe muito bem no cenário brasileiro. O lema “Deus, pátria e família” fora um dogma intocável em tal conjuntura, não é de estranhar, pois a constituição do Estado brasileiro se deu também com as sementes da religião cristã, religião essa que sempre teve caráter político (mesmo não desconsiderando a fé de indivíduos que prontamente cria na missão como atitudes puras da sua fé).

Não somente o cristianismo possui um caráter político, não é exclusividade sua, mas as religiões de modo geral sempre foram utilizadas politicamente. Lenaers (2014), por exemplo, afirma que os reis faziam crer que era a vontade dos deuses seu governo, que eram encarnação de divindades, representantes dos céus. Todas essas afirmativas seguem de certa forma um padrão dentro da religião, algo intrínseco que alguém não quer que seja mexido, desta forma, a religião consiste em um discurso de poder. No contexto do cristianismo, a religião se torna parte do Estado com os imperadores Constantino e Teodósio (Lago, 2018). É imprescindível a massa de crentes para o estabelecimento do poder.

Relacionando Weil e Voegelin, ambos abordando a temática de acordo com seus pontos vistas, considerando o fator político que se agravava na Alemanha nazista e de como os alemães participaram dessa realização. Observa-se que o discurso de Hitler não foi somente um discurso político, mas religioso, direcionados a uma esperança de restauração da nação, sentimento que percorria na maioria dos cidadãos. Uma Alemanha derrotada e oprimida, em crise e desemprego apegou-se a um discurso de ressurreição e redenção, fazendo com que os culpados fossem exterminados, o ódio era o sentimento violento direcionado a outro. Frattini (2018, p. 24) afirma que “os alemães deveriam ser julgados pelo que permitiram”.

O problema abordado por Voegelin volta a ser discutido: o que leva alguém com um claro discurso de ódio a subir ao poder? O que faz com que as massas religiosas entrem em contradição com o seu credo? A participação religiosa na política brasileira desfruta de quais

benefícios? Como os cristão em sua maioria no Brasil lidarão com o julgamento da história sobre a negação da fé e o abraço ao bolsonarismo que possui todas as características de seita religiosa? Porém um caráter religioso em que não há espaço para a pluralidade, para a divergência, para o contraditório que faz a democracia acontecer, não há diálogo, há somente ódio. Tais aspectos percebem-se dentro dos extremos testemunhados no país.

Constata-se a impossibilidade do diálogo, da razão, o que há é violência, guerra visando a destruição do outro, os sentimentos aflorados são do medo e do ódio, o reino da violência, a *obra* em realização. O líder é inquestionável, “ele pode falar de si mesmo empregando todas as categorias, qualificar-se de profeta, de homem do destino, de mestre de homem clarividente entre os cegos, de inteligência entre os obtusos” (Weil, 2012, p. 505).

Tanto Weil como Voegelin falam a mesma linguagem: enquanto o primeiro ressalta que o homem da *obra* tem colaboradores, podendo ter amigos entre os que não cooperam, mas aceitam o mito, fazendo assim também participantes de forma indireta; em Voegelin, a consciência moral das pessoas está corrompida, fazendo-se assim claramente responsável por suas ações, uma vez que a crença na promessa de salvação é verdadeira.

O homem da obra garante aos fiéis uma dignidade nova (Weil, 2012). Na Alemanha nazista, instrumentalizou-se as massas e objetificou-se a fé, para assim alcançar terríveis fins políticos, sendo esses elementos corrompidos e utilizados para a manifestação da violência.

3.3 Messianismo político

Destaca-se o messianismo político como uma realidade presente no cenário brasileiro, mesmo não sendo um símbolo novo, a promessa e proposta do messias político sempre é a ressurreição e o bem-estar da nação. Todorov (2012) afirma que embora o messianismo político sustente a ideia de igualdade e liberdade, tem por objetivo estabelecer o paraíso na terra, mesmo que os meios para alcançar seja revolução e terror. Todorov ainda diz mais:

Em sua busca por uma salvação temporal, essa doutrina não reserva nenhum lugar para Deus, mas preserva os traços da antiga religião, tais como a fé cega nos novos dogmas, o fervor nos atos que lhe são úteis, o proselitismo dos fiéis, ou a transformação de seus partidários caídos em combate em mártires, figuras a adorar como se fossem santos. (Todorov, 2012, p. 26).

Candidatos a salvadores apresentam-se, mas antes disso, anunciam os responsáveis pelo caos e crise. A salvação não se realiza somente pela situação difícil que se encontram, mas também de quem os colocou lá, ou seja, um culpado e um responsável de quem precisa ser salvo.

A aparição de Jair Bolsonaro estava carregada com esse fetiche, e tão logo encontrando os responsáveis pela crise, alimentou o ódio nos corações inflamados, ódio ao Partido dos Trabalhadores, ódio aos homossexuais, ódio à esquerda, ódio ao diferente, às minorias, aos nordestinos. O Brasil precisaria primeiramente ser livre destes, e depois da crise. Pereira Gonçalves e Caldeira Neto (2020, p. 203) dissertam que “alguns traços unem o governo Bolsonaro e os fascismo histórico: o conservadorismo, o anticomunismo, o uso de teorias de conspiração e a visão de mundo baseado na diferenciação entre amigos e inimigos”.

O cenário de abalo, rupturas, medo e incertezas é o ambiente em que surgem os messias e libertadores. Quando as engrenagens da democracia começam a travar, o messianismo político é sintoma de perigo, expressa Todorov (2012). E ao lado de tais fenômenos, a Igreja Evangélica os apoia, escolhe um lado diferente do seu credo, de sua tradição.

Quando o sistema político, afirma Dória (2020), em meio a uma determinada crise não consegue se recompor, nasce uma insatisfação social e determinados grupos carregados de interesses políticos e indignação se levantam como candidatos a heróis e até mesmo messiânicos, para dar conta daquilo que o sistema político não deu, nota-se assim um aspecto religioso. As massas não vendo resposta, mas somente piora no sistema político, abraçam os novos heróis. No cenário brasileiro, levantou-se procuradores e juízes preparando caminho para a salvação política.

“Há um desejo expresso da população por um líder que acabe com a bagunça, que imponha ordem” (Dória 2020, p. 331). Neste cenário de messianismo político, de segmentos religiosos, Weil fala do *homem da obra*. “O homem da obra não julga, as qualidades de bom ou mau se reduzem a questões técnicas que só lhe interessa secundariamente; ele comanda e seu comando dispensa justificações: faça isso, faça aquilo. A obra exige” (Weil, 2012, p. 512).

3.4 As massas cristãs

Constatou-se que a presença cristã no Brasil se apresenta desde a chegada dos portugueses, e o fenômeno religioso não deixou de existir na Colônia, Império e República. Sempre de determinada forma, tal fenômeno religioso nunca deixou de exercer influências nos meios sociais e políticos, revelando-se fortemente desde 2014, com Jair Messias Bolsonaro, apresenta-se como salvador, e até os dias atuais, onde o bolsonarismo passou a ter características de seita, manifestando extrema violência. Não perdendo de vista os fundamentos principais desta pesquisa, o *homem da obra* e a instrumentalização das massas, e as massas

conscientemente se fazem cúmplices de tais projetos políticos mesmo que resulte em violência e terror, como aponta Voegelin.

De acordo com Camurça (2013), há um índice de crescimento do segmento evangélico entre 2000 e 2010, do qual o Brasil religioso emerge marcando presença no cenário político a partir do censo de 2010.

Os percentuais mais expressivos do Censo de 2010, no que se refere às religiões no país, indicam a continuidade da queda do catolicismo de 73,8% em 2000 para 64,6% em 2010, ao lado da também continuidade do crescimento evangélico de 15,4% para 22,2%, e, por fim, um também crescimento, mas em ritmo menor, dos sem-religião, de 7,28% para 8% (Camurça, 2013, p. 66).

Segundo os dados apontados por Camurça (2013), há um crescimento significativo nas Igrejas Evangélicas, principalmente nas Assembleias de Deus que é a maior entre as denominações evangélicas no país. Percebe-se que as igrejas estão mais envolvidas nas atividades e dinâmicas sociais, alcançando de todas as formas grandes públicos. É muito efetivo, como diz Vital e Leite Lopes (2013, p. 86), que estas igrejas estão produzindo híbridos como “mercado religioso”, “turismo religioso”, “atletas de Cristo”, “padres e pastores cantores”, “bancadas evangélicas” etc”.

Quanto aos evangélicos, estes aumentaram de 26 milhões em 2000 para 42,2 milhões em 2010, um aumento de 16 milhões com 4.383 de novos fiéis por dia. Esse crescimento foi alavancado pelos pentecostais que passaram de 10,4% em 2000 para 13,3% em 2010, estimando-se serem hoje cerca de 26 milhões de pessoas e perfazendo 60% de todos os evangélicos do país. (Camurça, 2013, p.67).

O segmento religioso no Brasil é plural, de modo que tal entidade, como ator social, desempenha uma função, pois imbuída de desejos e causas a preservar, resistindo a demandas de grupos minoritários que entram em conflito com a tradição e confissões de fé que, como se viu, está presente há séculos no Brasil. Isso tem se acentuado ainda mais, uma vez que o envolvimento evangélico no congresso tem por objetivos alcançar lugares mais altos com um maior contingente de deputados e senadores para representar suas causas. O deputado Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), tem por objetivo fazer com que a presença de congressistas evangélicos aumente de 115 deputados para 155, e de 13 senadores para 24 (Poder 360, 2022).

Concorda-se com Weil, “[...] os homens não passam de meios” (2012, p. 508). Assim, são utilizados em massa para a realização da *obra*, do projeto político, da tomada de poder onde os “inimigos” são aniquilados sendo todo este processo uma ação de violência. Nas massas há uma legitimação do poder. No contexto brasileiro há inúmeras denominações com diferentes doutrinas e costumes, mas Deus e a família são universalizados dentre tais denominações, e o

discurso bolsonarista é que tais valores tradicionais estão ameaçados e corre risco de serem destruídos. Essa comunicação é um discurso direcionado ao sentimento, às paixões e absorvidos conscientemente.

3.5 O abismo eclesiástico no Brasil

Voegelin em suas preleções tratou da singularidade do povo alemão ser o mesmo povo de igreja, ou seja, também havia um forte laço das relações políticas e religiosas. No Brasil, Bolsonaro liderou às pesquisas dentro do seguimento evangélico, não porque tinha um projeto de governo, mas pela adoção de um discurso conservador dentro dos princípios cristãos, isto é, a defesa de pautas contrárias ao aborto, casamento de pessoas do mesmo sexo, identidade de gênero e a esquerda. Como foi mencionado, o Brasil desde o século XVI é berço de uma religião cristã e tais valores estavam enraizados na cultura de grande parte do povo.

Há uma forte aproximação do que é a massa religiosa e o líder que se levanta, isso se deve a identificação e representação. A massa se identifica com as pautas, pois expressa o seu sentimento e o coloca em um lugar de representação e de salvação, contudo não há diálogo entre o líder e seus seguidores, só monólogo. O líder ocupa um lugar solitário, sobre isso pensa Weil: “[...] O homem da obra é só e se sabe único; ele não pode falar *com* os outros, mas apenas *aos* outros: o projeto que ele quer realizar deve ser-lhes proposto na linguagem dele, na linguagem que surte efeito sobre eles” (2012, p. 515).

O cristianismo tem esboçado algumas atitudes no cenário nacional que tem chamado atenção, tais ações contrariam seus princípios de fé e se estabelecem como o oposto disso, a primeira coisa a se destacar são as atitudes extremistas por parte da cristandade e isso se revela nos mais variados contextos, seja na frente parlamentar, seja em igrejas locais, seja em rádio, televisão, na internet e em vários canais e plataformas. Um certo ódio é disseminado muito rapidamente graças à velocidade da divulgação desses veículos, e é enorme seu alcance. O comportamento extremista evangélico, segundo Vital e Leite Lopes (2013, p. 115) “seria caracterizado pela manipulação de uma perspectiva fundamentalista com vistas a punir com as próprias mãos aqueles que agem em desacordo com sua leitura bíblica”.

Manifesta-se o caráter violento em relação ao outro e isso se materializa quando a liberdade religiosa não é respeitada e templos religiosos do candomblé são invadidos e imagens como símbolos de fé são destruídas em nome de uma única religião verdadeira, acontece quando homossexuais são espancados e mortos por suas práticas serem consideradas

abominações. Nota-se que a imposição violenta é a forma como essa fé é pregada e deve ser aceita, não haverá espaço para as diferenças. Em tempos como estes, alguns cristãos têm sido selvagens e rejeitando completamente à razão. Vital e Leite Lopes destacam.

A ação extremista se caracterizaria, portanto, por posicionamentos radicais, intolerantes e violentos em relação às diferenças. Os atores sociais que assim se comportam não medem esforços para garantir ou obter a dominância dessas crenças e valores em seu grupo religioso e no âmbito social. Produzem “consensos” e afirmam que a democracia é o governo da maioria e não de todos. (2013, p. 117).

No quadro brasileiro, Vital e Leite Lopes (2013) sustentam que uma outra característica do movimento evangélico é o conservadorismo. Boa parte dos cristãos conservadores podem não se sentir representados pelo corpo político de cristãos extremistas, mas também não se opõem a eles e nem se pronunciam publicamente. Contudo, há uma agenda moral que faz com que haja eleitorado para preservar os mandatos e elegerem a outros, nesse contexto Jair Messias Bolsonaro foi visto como o homem que, no aspecto social e político, iria salvar o Brasil da corrupção sistêmica e do “declínio” moral contrários à agenda cristã, ou seja, o discurso político torna-se um discurso religioso e salvador. Quanto a isso, Weil destaca: “Existe realmente o homem de Deus, mas é preciso observar que, na maioria das vezes, não é esse homem que atribui a si mesmo esse título; são os outros que lhe atribuem numa retomada de apreciação, e não de justificação” (2012, p. 517).

O cristão busca representação, salvação e preservação e os atos que estabelecem como norteadores são a manifestação de violência, apoiando assim o homem violento, o falso salvador que espalha falsas notícias que se estabelecem como verdade. O cristão deixou de ser um pequeno Cristo, alinhando-se com seitas que nada têm a ver com seu Cristo, ainda que julgue agir por amor deste. O discurso que era de salvação eterna se torna discurso temporal e político. Portanto, a mensagem passada é de intolerância, preconceito, xenofobia, racismo e tudo aquilo que não se alinhe com o discurso moralista e extremista. Numa ocasião como está, não há diálogo e para os que não concordam só resta a força, a violência. A Igreja cristã, sobretudo evangélica no Brasil, desce a profundos abismos, à semelhança das igrejas alemãs denunciadas por Eric Voegelin, que só ouvirão e abrirão seus olhos quando a violência voltar contra si, quando o líder pela força quiser controlá-la por completo.

Portanto, no cenário brasileiro, o que levou o maciço apoio evangélico à Bolsonaro foi a ilusão de que assim conservarão sua tradição e valores morais. O discurso “Deus, Pátria, família” é o que leva a mobilização das massas evangélicas como instrumentalização e realização de um nefasto projeto político. A maioria que domina as minorias recusando seus

direitos e agindo com violência. A esfera pública é invadida por valores que deveriam ser de caráter privado e de fé individual, quando coletivo, deveria ser praticado em seus ambientes específicos. Tanto Voegelin como Weil, em seu tempo, lançam luz sobre a realidade atual sendo que determinados fenômenos voltam a se repetir e se estabelecem mais fortes.

Com essa compreensão se faz necessário ser vigilantes principalmente das questões democráticas que estão nesse país, o valor cristão é assegurar a vida, dignidade humana, uma vez que é por pouco tempo que a presença humana estará nessa existência, é o valor democrático que pode assegurar que os diferentes alcancem a paz, justiça e o bem. O cristão deve ser aquele que promove tais valores, assumindo assim uma coerência de fé e política a partir de uma crença saudável.

3.6. Breve considerações sobre *ação* e o estado moderno

Compreende-se que na pesquisa realizada se faz necessário apontar alguns caminhos de cuidado e prevenção a respeito de tudo o que foi demonstrado até aqui, considerar que a violência pode encontrar uma neutralização e isso se dá a partir de algumas ações.

“A Ação, na *Logique de la Philosophie*, é o ‘apossar-se da teoria sobre a realidade’”. (Canivez, 1989, p. 17). Compreende-se desta forma o conceito de *ação*, ponto que será discutido e desdobrado ainda que brevemente na *Filosofia política*. Menciona-se que a *ação* se distingue da *obra*, a primeira não é simplesmente uma teoria que visa a implementação de um modelo organizacional ideal. Pergunta-se, o que quer a *ação*? Pode-se considerar o argumento de Weil, (2012, p. 560), “A satisfação do homem revoltado, isto é, a realização de um mundo tal que, nele, a revolta não apenas seja não razoável [...], mas se torne impossível, humanamente impossível [...]”. Canivez (1989) ressalta que o objetivo da *ação* é garantir o contentamento de todos, para todos os indivíduos na liberdade.

Segundo Weil (2012), a *ação* é uma revolução, mas uma revolução empreendida por e para os homens razoáveis e isso se estabelece contra a opressão dos homens que são destituídos de razão. No mundo inumano, as distinções entre os que pensam a realidade do mundo e os que constituem a realidade desse mundo, os que pensam essa realidade está atrelado aos que fazem os outros trabalharem e os que não pensam são os que mantêm.

Apenas ao homem da ação, ao pensador da ação: não é o homem des-humanizado que dará origem à ação, mas o pensador insatisfeito do pensamento abstrato, não o animal social, mas o filósofo que pretende se contentar na realidade social e que sabe que só se contentará ao contentar todos os homens (Weil, 2012, p. 568).

O homem que é apresentado na categoria da *ação*, é o que passa do pensamento para ação, “ele é, no plano da história, o herdeiro da filosofia que com ele deixa de buscar compreender o mundo: trata-se, agora, de transformá-lo” (Weil, 2012, p. 571). Sendo que as condições que interessam para a *ação*, são as matérias, naturais e sociais, pois não há outras na realidade, o homem só pode ser livre como indivíduo, quando liberta o homem e todos os homens.

Uma das ameaças que incorre no Estado moderno, e como manifestação de violência é o perigo que é apresentado a sua independência. “Todo Estado moderno ou bem deseja crescer às custas dos outros, ou bem vive no temor de que seus vizinhos adotem uma política *imperialista* de conquista” (Weil, 1990, p. 218). A independência é almejada por aqueles que a perderam ou por aqueles que nunca a possuíram, isso ocorre diante de pressões militares com poderio bélico ou com sanções econômicas, o que não escapa de um caráter de violência. Conta-se também com uma legislação repressiva como violência, uma vez que minorias seriam reprimidas faz com que surja a revolta, mesmo assim, se um governo é sólido e possui a lealdade da maioria, com muita facilidade derrota a minoria de “infiéis, descrentes, desleais” (Weil, 1990, p. 227).

Algumas situações expressas na *Filosofia política* que é uma obra que desdobra a *ação*, serão brevemente apresentadas neste momento, como meios que visam proteger o Estado moderno de discursos totalitários. Considera-se que a busca pelos justos interesses, e isso deve se estabelecer em todos os planos.

Weil dá importância a representação, sendo que sem essa, um governo não pode ser concebido e muito menos ser saudável, uma vez que o governo dialoga com a sociedade representada, a sociedade expõe seus desejos, sendo positivos ou não.

O resultado dessa discussão faz com que o governo tome decisões que podem ser aceitáveis e acessíveis para a sociedade. “Numa nação saudável os debates não servem tanto para descobrir o melhor método ou a melhor solução, [...] o debate serve para revelar como bom e útil o que é racional e razoável, uma vez que a própria discussão revelou o que é tecnicamente necessário e moralmente desejável” (Weil, 1990, p. 259).

No sistema constitucional apresenta-se o caráter de controle parlamentar. Weil vê isso como uma ambiguidade, sendo que este controle pode ser controle de opiniões, de interesses, de recursos, das necessidades, dos desejos, mas também podendo ser um controle da sociedade e do parlamento sobre o governo. Nesta relação de mutualidade, consiste uma relação saudável do Estado, pois “é na discussão, controle recíproco, que os problemas são definidos e decisões

fundamentais são elaboradas” (Weil, 1990, p. 259). O Estado deve reconhecer que aquilo que o constitui essencialmente é a discussão.

Uma outra atribuição a ser considerada a respeito do parlamento é, formar homens para o governo, “O parlamento é o viveiro dos homens de Estado” (Weil, 1990, p. 261). E nesta composição parlamentar há o recebimento de representantes de vários setores da sociedade, sendo de setores industriais, autônomos, rural, comercial, administrativo, educacional, religioso. Com isso, conclui-se que o parlamento expõe às claras o que outras formas põem em segredo, sendo assim, a discussão não corre risco de voltar a violência.

Há meios que podem ser utilizados para refrear a realização da *obra*? A *obra* pode fracassar? Weil aponta uma possibilidade de fracasso da *obra*, e isso consiste na “escolha errônea dos meios”. Isso equivale dizer que todos os meios são permitidos, que nem todos são apropriados, mas que sempre existe um meio [...] ora, esse mundo é o mundo do trabalho e da organização dos homens, o mundo da sociedade e do Estado [...]” (Weil, 2012 p. 503). Nesses aspectos, paradoxalmente que são utilizados como meios de realização da obra, também podem ser o meio do seu fracasso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações na história e em eventos específicos discutidos pelos autores em análise, é pertinente considerar um alerta para este tempo, considerando uma retomada dos mesmos discursos e uma repetição de ações semelhantes. À luz das reflexões de Eric Weil e Eric Voegelin, as sombras do tempo presente são reveladas e percebe-se a mesma metodologia utilizada pelo fascismo sendo revisitada principalmente em solo brasileiro. A religião, as massas sendo utilizadas como instrumentos para realização de violência em sua forma mais pura.

O autoritarismo não está presente somente na historiografia, está presente no Estado, na igreja, na família, na escola, em tudo que é tocado pelas massas hoje. Os guias cegos que conduzem outros cegos são levados pelos desejos, pela consumação de seu projeto. Em nome de Deus, da fé, da pátria, da família, as massas são impelidas numa marcha de violência, e isso se manifesta como ódio, preconceito, racismo, xenofobia e tantas outras manifestações de violência. Há um apelo sendo feito, mas se consolida não na razão, mas nas emoções.

Um novo “messias” é encarnado e se utiliza disso para instrumentalizar a esmagadora massa de fiéis, que estão ligados ao tronco do fanatismo religioso. O mundo parece estar colapsando, pois, a violência é o fenômeno que não se cansa e, lembrando Weil, ele sempre está à frente, adiante. “A violência participa de nossas vidas e com ela temos nos habituado” (Valdério, 2010, p. 86).

Analisou-se em Voegelin e Weil, a degradação das esferas da sociedade e sua plena organização, todos os setores afetados pela corrupção da consciência, sobretudo no âmbito religioso, possuidores de deveres morais e espirituais com a sociedade, não há simplesmente ingenuidade na adesão de tais projetos, há uma tomada de ações consciente no que está sendo feito. *O homem da obra*, em sua representação evidencia-se violento, animalesco, a semelhança dos bárbaros, o homem de violência que segue seus impulsos, nisso consiste a inveja, a paixão, a raiva sendo condutores da vida.

Em Voegelin, observa-se como o fascismo se utiliza das estruturas conservadoras, familiar, religiosa, patriarcal para tocar em frente seu processo de mobilização das massas, usando a paixão e amor por cada estrutura dessas para desviar para si a atenção e total lealdade dos que fazem parte desses grupos. Sendo que procuram preservar toda essa estrutura, segundo a ordem do seu líder, isso consiste em um caráter totalmente religioso, o líder, herói, messias, salvador, sendo coroado pelos seus súditos, sua massa, seu exército que legitima suas ações. E vê todo o resto como mal a ser vencido e erradicado, pois somente sua *obra* interessa, como se viu em Weil.

Deve-se observar em tempos como os atuais, em que projetos hegemônicos são visivelmente percebidos no Brasil, as preleções de Eric Voegelin, *Hitler e os alemães*, oferecem um claro diagnóstico e um convite à reflexão de sinais e sintomas presentes na sociedade brasileira. Além de possuir o poder nas ordens legais, como foi a ascensão de Hitler, há uma legitimação do povo, apoio maciço e consciente, há pessoas que compartilham dessas intenções, no caso do Brasil, a ampla legitimação do bolsonarismo se deu no ambiente religioso, na subida aos púlpitos eclesiásticos em todas as regiões no país.

A igreja evangélica no Brasil, tomou parte em um projeto político que negava todos os seus valores dogmáticos e tradicionais, os efeitos disso, foram divisões familiares, rompimento de amizades, guerra entre vizinhos, estabelecimento de caos, um país dividido pela intolerância, ódio e preconceito. Tudo feito em nome de um discurso, “Deus acima de todos, Brasil acima de tudo”.

A linguagem utilizada por Bolsonaro, era que no Brasil não havia espaço para todos, mas somente para os que creem, somente para os que confessavam o nome de Deus, essa comunicação era direta com os seus seguidores, com suas massas, que em nome Deus, a todos os distintos de sua crença, lançavam ódio. No Brasil, não se chegou ao estágio em que a igreja alemã havia se encontrado, Hitler querendo também o controle dela.

Em Solo brasileiro, não houve uma sedução no discurso do líder direcionado as massas, mas uma fala direta aos sentimentos e crenças adormecidas dentro de cada pessoa individualmente. Não houve simplesmente uma histeria coletiva, mas uma consciência individual de tudo o que foi realizado, tanto é que, o furacão bolsonarista perdeu força, mas ainda pode causar muitos estragos, pois uma das latentes características no religioso é a fidelidade ao seu líder, seu senhor.

Uma outra característica importante de ser observada no contexto nazista que se assemelha no Brasil, é o silêncio de muitas instituições religiosas, assim como assinalou Jaspers, há uma culpa também dos indivíduos que se abstiveram da crítica e se silenciaram diante do horror que estava sendo causado.

Considerando Eric Weil, a instrumentalização das massas pelo *homem da obra* é um alerta para todos os tempos, as massas religiosas foram utilizadas, alcançadas por um discurso político vestido de discurso religioso, a expectativa da salvação, libertação e ressurreição da nação diante das ameaças imaginárias e outras reais, mas potencializadas a ponto de virarem desinformação e mentiras. Não problemas para o *homem da obra* utilizar a fé sincera das pessoas, há somente o seu interesse próprio, a sua obra e sua satisfação.

O Estado corre perigo, pois sempre há a possibilidade da violência, mas há meios que podem preservar o homem, e este viver com contentamento e liberdade. E foi apontado que uma das formas para que haja uma segurança constitucional do Estado moderno, é garantir que os interesses coletivos estejam sempre a vista, pois no fascismo há a morte da política, enquanto participação de todos, não há interesse em causas das minorias ou até mesmo coletivas, há unicamente o interesse do líder, apenas seu propósito.

O Estado se resguarda da violência quando há razão, quando há diálogo, quando há representatividade de todos os seguimentos. Quando há formação parlamentar para os interesses público e todos saem representado. Do ponto de vista deste pesquisador, só há garantia para o Estado enquanto a democracia for preservada, e a democracia é a participação da e na razão. Isso acontece num amontoado de vigilância, o governo sobre a nação, o parlamento sobre o governo, a sociedade sobre o parlamento. “A democracia é o oposto de arbitrariedade, autoritarismo” (Lago, 2018, p. 103).

REFERÊNCIAS

- BANCADA EVANGÉLICA MIRA SER 30% DO CONGRESSO, DIZ DEPUTADO.** Poder360.com.br, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/bancada-evangelica-mira-ser-30-do-congresso-diz-deputado/>. Acesso em 04/11/2024.
- BOLSONARO RECEBE APOIO DE LÍDERES EVANGÉLICOS.** Em.com.br, 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/01/interna_politica,993227/amp.html. Acesso em: 04/11/2024.
- BERADT, Charlotte. **Sonhos no terceiro Reich.** Tradução Sílvia Bittencourt. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Religiões em movimento: O Censo de 2010.** Faustino Teixeira; Renata Menezes (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CANIVEZ, Patrice. **A revolução, o Estado, a discussão.** Tradução Sergio G.T Brissac. Centro Eric Weil. Síntese Nova Fase: 1989. p. 17-36.
- CASTELO BRANCO, Judikael. **Violência e ação política em Eric Weil.** (Mestrado). UFC, Instituto de cultura e arte, Programa de Pós-graduação em Filosofia: Fortaleza, 2011.
- DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira: como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ilumina sobre o Bolsonaro.** São Paulo: Planeta, 2020.
- FERREIRA, Franklin. **A igreja confessional alemã e a “disputa pela Igreja” (1933-1937).** Fides Reformata, São Paulo, XV, Nº1, p. 9-36, 2010.
- FRATTINI, Eric. **A fuga dos nazis: como escaparam os maiores criminosos nazis.** Tradução: José Espadeiro Martins. Lisboa: Bertrand, 2018.
- JASPERS, Karl. **A questão da culpa: A Alemanha e o Nazismos.** Tradução Claudia Dornbusch. Heidelberg: Todavia 1946.
- JULIÃO, Antônio Osmar Ribeiro. **O agir humano em Eric Weil.** Guarujá: Editora Científica Digital, 2021.
- LAGO, Davi. **Brasil Polifônico: Os evangélicos e as estruturas de poder.** São Paulo: Mundo Cristão, 2018.
- LENAERS, Roger. **Viver em Deus sem Deus?** São Paulo: Editora Paulus, 2014.
- LENZ CÉSAR, Elben M. **História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais.** Viçosa: Ultimato, 2000.
- LINS JÚNIOR, Daniel da Fonseca. **Filosofia, retomada e sentido.** Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias. Lisboa, vol. 31, II série. p.109-122. 2013.
- _____. **Sagrado, sentido e sabedoria: uma trilha na filosofia de Éric Weil.** Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- MANN, Thomas. **Discursos contra Hitler: ouvintes alemães.** Tradução Antônio Carlos dos Santos e Renato Zwick. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- PEREIRA GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

PERINE, Marcelo. **A não-violência: o desafio da razão razoável segundo Eric Weil.** Fac. Filosofia CES SJ. Síntese Nova Fase: Belo Horizonte, p. 84-94 1989.

_____. **Filosofia e violência.** Síntese, nº 41, p. 55-64, 1987.

REES, Laurence. **O holocausto: uma nova história.** Tradução Luis Reyes Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

RUPPENTHAL, Willibaldo. **A igreja apoiou Hitler: investigando a relação dos cristãos com o nazismo.** 1º Ed - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024.

SOARES, Daniel Benevides. **Tédio e totalitarismo: violência política e sentido em Eric Weil.** (Doutorado) Universidade Federal do Ceará: Ceará, 2019.

_____. **O mal em Eric Weil.** Griot: Revista de Filosofia, v. 10, nº 2, p. 124-132. 2014.

_____. **Culpa e responsabilidade: um diálogo entre Karl Jaspers e Eric Weil.** **Filos: Unisinos,** São Leopoldo, 22 (2), p. 1-13. 2021.

_____. **Uma apresentação da categoria weiliana da obra.** Educação e Filosofia, v. 35, nº 73, p.447- 478. Uberlândia, 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Diante do extremo.** Tradução Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

_____. **Inimigos íntimos da democracia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

UEMA. Sistema Integrado de Bibliotecas da UEMA. **Manual para normalização de trabalhos acadêmicos.** 5. ed. rev., atual. e ampl. São Luís: EDUEMA, 2023.

VALDÉRIO, Francisco. **Dialética do estado: ação política na filosofia de Éric Weil.** (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2010.

VOEGELIN, Eric. **Hitler e os alemães.** Tradução Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2008.

VITAL, Christina; LEITE LOPES, Paulo Victor. **Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

WEIL, Eric. **Lógica da filosofia.** Tradução Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2012.

_____. **Filosofia política.** Tradução Marcelo Perine. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1990.